

RESSALVA

Atendendo solicitação do autor,
o texto completo desta tese será
disponibilizado somente a partir
de 07/06/2023.

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E
TECNOLOGIAS
(TECNOLOGIAS NAS DINÂMICAS CORPORAIS)**

**ATLETISMO E DESENVOLVIMENTO HUMANO: PROPOSIÇÃO E ANÁLISE
DE UM MODELO DIDÁTICO DE ENSINO**

JOÃO CARLOS MARTINS BRESSAN

**Rio Claro – SP
2021**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E
TECNOLOGIAS
(TECNOLOGIAS NAS DINÂMICAS CORPORAIS)**

**ATLETISMO E DESENVOLVIMENTO HUMANO: PROPOSIÇÃO E ANÁLISE
DE UM MODELO DIDÁTICO DE ENSINO**

JOÃO CARLOS MARTINS BRESSAN

Tese apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como parte dos requisitos para obtenção do título de doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, junto ao programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Área de Concentração – Tecnologias nas Dinâmicas Corporais

**Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fernanda
Moreto Impolcetto**

**Rio Claro - SP
2021**

B843a Bressan, João Carlos Martins
Atletismo e desenvolvimento humano: proposição e análise de um modelo didático de ensino / João Carlos Martins
Bressan. -- Rio Claro, 2021
225 p. : il., tabs.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientadora: Fernanda Moreto Impolcetto

1. Atletismo. 2. Escola. 3. Educação Física. 4. Professores. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: ATLETISMO E DESENVOLVIMENTO HUMANO: PROPOSIÇÃO E ANÁLISE DE UM MODELO DIDÁTICO DE ENSINO

AUTOR: JOÃO CARLOS MARTINS BRESSAN

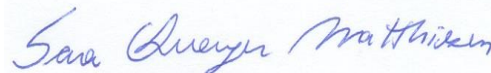
ORIENTADORA: FERNANDA MORETO IMPOLCETTO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS, área: Tecnologias nas Dinâmicas Corporais pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. FERNANDA MORETO IMPOLCETTO (Participação Virtual) Departamento de Educação Física / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP



Profa. Dra. SARA QUENZER MATTHIESEN (Participação Virtual) Departamento de Educação Física / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP



Prof. Dr. ALCIDES JOSÉ SCAGLIA (Participação Virtual) Curso de Ciências do Esporte / UNICAMP - Faculdade de Ciências Aplicadas de Limeira / SP



Prof. Dr. KLEBER TUXEN CARNEIRO AZEVEDO (Participação Virtual) Departamento de Educação Física / UFLA - Universidade Federal de Lavras- MG



Prof. Dr. SERGIO JOSÉ IBÁÑEZ GODOY (Participação Virtual) Facultad de Ciencias del Deporte / Universidad de Extremadura - España



Rio Claro, 07 de dezembro de 2021

*Dedico essa jornada a meu presente celestial,
minha querida filha Ísis que gerada por um grande amor,
me oportunizou ser uma pessoa melhor.*

AGRADECIMENTOS

A gratidão é um sentimento humano, e a compreendo como virtude moral, tendo, portanto, importante implicação no funcionamento social e no bem-estar. Somos insuficientemente gratos pelas inúmeras dádivas a nós concedidas. Porém, quando percebida e praticada, a gratidão, ultrapassa a possibilidade de recompensa e na benevolência encontra esteio para sua tônica que é o reconhecimento.

Estive pensando em um formato de agradecimento que me permitisse incluir muitas das pessoas que foram de grande importância em meu processo de doutoramento, que compreendo como um formidável fechamento de ciclo pessoal/profissional. Para isso, optei por uma linha existencial, ainda que linearidade possa não ser o melhor caminho ao buscar seu nexos com a presente obra, acredito que me possibilite o maior grau de honestidade moral. Então, vamos aos agradecimentos!

Agradeço à dádiva da vida, oportunidade a mim concedida para caminhar nesse plano.

A minha família, que me acolheu nessa experiência existencial, minhas mães: Mara e Ei, meu pai Cido, minhas irmãs Fran e Bia e meu irmão Rogério, as/os queridas/os tias e tios e a todos os parentes, com os quais construímos fortes laços afetivos. Os agradeço em nome de minhas sobrinhas e sobrinho.

Ao meu grande mentor Ademir Nicola Francisco que me guiou pelos caminhos da vida em momento de maior turbulência. Usando o esporte e o afeto me ensinou a ser gente e revelou-me boas passagens a serem trilhadas. Essa tese, minha carreira acadêmica e muitas de minhas paixões pela Educação Física são oriundas de seu semear.

Aos amigos e amigas que o atletismo me proporcionou, pelos quais guardo imenso carinho, represento a todos/as em nome do querido Nino, que como um verdadeiro irmão mais velho, sempre esteve presente para me aconselhar e apoiar nos difíceis caminhos da juventude.

Aos queridos professores e professoras e colegas da graduação, em especial a meu orientador de monografia e também técnico de atletismo, Aguinaldo Souza Santos. Agradeço aos amigos da Universidade (FAFIPA atual UNESPAR) representados pelo querido Elessandro.

Aos alunos e alunas, professores e professoras das escolas estaduais em que lecionei no estado de Mato Grosso, lhes abraço em nome de três queridas pessoas Berenice Israel, Maria Cristiana e Alessandro Batista, exemplos de afetividade, companheirismo e empatia.

Aos amigos e colegas do CEFAPRO, em especial a grandes parceiros de vida que encontrei Eduardo e Milton, nossas experiências e enfrentamentos pedagógicos formativos cravaram boas memórias que transcenderam o relacionamento profissional.

Aos amigos da “caverninha” do período de meu mestrado, pelos quais guardo muita admiração, Molise, Evandro e Laudinéia. E ao meu querido orientador Adelmo Carvalho da Silva, que me ensinou sobre os caminhos da pesquisa e me permitiu vislumbrar novas possibilidades acadêmicas.

Aos acadêmicos e acadêmicas da UNEMAT em especial aos participantes do PROAT (projeto de extensão em atletismo) que possibilitaram viver o atletismo sob um novo olhar.

Aos professores e professoras da UNEMAT que pude ter ao meu lado em difíceis batalhas e memoráveis conquistas. Em especial a dois companheiros que tive o privilégio de conhecer nessa vida Kleber e Roberto.

A saudosa Suraya por me instigar para o processo de doutoramento e a querida Fernanda cuja orientação foi de uma leveza assertiva, afetiva e profícua, me permitindo voar e sobrepor novos horizontes.

Aos ilustres membros da banca, pelos quais guardo grande admiração, foram convidados para esse momento, pois, suas produções e narrativas me possibilitaram olhar para além do véu. São minha inspiração diária para continuar a trilhar pelos caminhos do conhecimento.

A minha majestosa esposa Karine, meu grande amor, minha identidade compartilhada, meu porto seguro, minha vida vivida. Também a algumas pessoas de sua família, que ao longo dos anos se tornaram a minha.

E a Ísis que transformou nossas vidas, evoluiu nossos espíritos, nos fez melhores!

EPÍGRAFE

Voar

*Ah! se eu pudesse voar!
conhecer o espaço
e outros planetas visitar.*

*Flutuar sobre as nuvens
para a chuva não me molhar;
brincaria com os pássaros
e também com o luar.*

*Me esconderia no telhado
Quando a mamãe estivesse zangada
Esperando-a se acalmar
Para depois eu lhe agradar.*

*Não pagaria passagem
Nem precisaria gastar;
Para fazer muitas viagens;
Conhecer um e outro lugar.*

*(...)
Bressan, 1998.*

RESUMO

O conteúdo atletismo ainda não tem composto efetivamente o ambiente escolar. Diferentes fatores convergem para a construção desse cenário, seja na dimensão do professor em seu desenvolvimento profissional, na organização estrutural e pedagógica das instituições escolares, e ainda nas políticas públicas educacionais. Além disso, historicamente, as práticas corporais estabelecidas enquanto conteúdos da Educação Física têm sido palco de embates teórico-filosóficos. O esporte, enquanto um desses conteúdos recebeu atenção especial. Em última instância questionava-se suas metodologias de ensino, que estavam condizentes com os pressupostos ideológicos vigentes, observado por alguns como meio de manutenção do *status quo* capitalista, por outros como salvacionista e por terceiros como a própria Educação Física. Decerto que entre as possibilidades descritas pairava uma máxima, de que era urgente repensarmos o conteúdo sob uma perspectiva pedagógica. Não obstante, o atletismo é afetado por essa conjuntura, pois trata-se também de um esporte. O cenário de agravo para essa modalidade está em sua aproximação ao alto rendimento na prática pedagógica do professor, atuante no ambiente escolar. Esse formato de ensino, enlevava o tecnicismo por meio da valoração do gesto técnico e seleção dos mais habilidosos, em sua forma tradicional de trato pedagógico. Essa postura, somada a outras situações, promoveu o afastamento do conteúdo da escola e sob essa conjuntura apresentamos nosso problema de compreender como se dispõe o conteúdo atletismo em ambiente escolar em determinado Estado brasileiro? Em resposta a ele conjecturamos nosso objetivo geral de desenvolver e analisar uma proposta de modelo para o ensino do atletismo na escola. Alinhavado a este estão os objetivos específicos a) realizar revisão sistemática acerca do atletismo com ênfase na subárea pedagógica; b) caracterizar o espaço do atletismo no estado de Mato Grosso na perspectiva dos estudantes; c) caracterizar o espaço do atletismo no estado de Mato Grosso na perspectiva dos professores; d) elaborar um modelo sistêmico-ecológico para o ensino do atletismo em ambiente escolar (MSEA); e) avaliar a experiência de implementação do MSEA nas aulas de Educação Física escolar. A presente tese foi desenvolvida no modelo alternativo, sustentou-se pelos pressupostos quali-quantitativos e sob a estrutura do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano (MBDH). Lança mão de questionários semiestruturados, entrevistas, relatórios e análise de documentos, sendo descritiva-exploratória e propositiva. Organiza-se em três estudos, compostos por artigos, que visam responder aos objetivos da presente pesquisa, quais sejam: Estudo I Artigo I (EIAI) - Panorama da produção científica sobre o atletismo (1990 – 2017): uma análise dos artigos científicos em três idiomas com ênfase na subárea pedagógica; EIIAII - caracterização do atletismo na perspectiva de estudantes de um estado brasileiro; EIIAIII - Caracterização do atletismo na perspectiva de professores de um estado brasileiro; EIIAIV - Modelo sistêmico-ecológico para o ensino do atletismo (MSEA); EIIAV - Percepções de professoras e estudantes sobre a implementação de um modelo para o ensino do atletismo em aulas de Educação Física. Embasados nos estudos realizados concluímos que é latente a baixa produção científica sobre o conteúdo atletismo nas aulas de Educação Física e quando observamos eventos de culminância da aprendizagem desse conteúdo (jogos escolares) é latente que os principais lócus de ensino não estão na escola. Ainda ao desenvolvermos e implementarmos um modelo para o ensino do referido conteúdo para as aulas de EF evidenciamos sua eficácia no processo de ensino e aprendizagem de professores e

alunos o que revelou um caminho profícuo em resposta aos objetivos da presente tese.

Palavras-chave: Modelo de ensino. Atletismo. Escola. Desenvolvimento Humano.

ABSTRACT

In post-modern times, the content of athletics has not yet effectively composed the school environment. Different factors converge to build this scenario, whether in the teacher's dimension, the structural and pedagogical organization of school institutions, or even in public educational policies. Moreover, historically, the body practices established as Physical Education contents have been the scene of theoretical and philosophical debates. Sport, as one of these contents, has received special attention. Ultimately, its teaching methodologies were questioned, which were consistent with the ideological assumptions in force, seen by some as a means to maintain the capitalist status quo, by others as salvationist, and by others as Physical Education itself. Certainly, among the described possibilities there was a maxim that it was urgent to rethink the content under a pedagogical perspective. Nevertheless, athletics is affected by this conjuncture, since it is also a sport. The worst scenario for this modality is its approach to high performance in the pedagogical practice of the teacher, active in the school environment. This teaching format, in its traditional pedagogical form, promoted technicalism by means of valuing the technical gesture and selecting the most skilled ones. This posture, added to other situations, promoted the removal of the content from the school and, under this conjuncture, we presented our problem of understanding how is the athletics content offered to young students in the state of Mato Grosso? In response to this, we conjectured our general objective of developing and implementing a model proposal for the teaching of athletics in school. Aligned to it, there are the specific objectives a) to carry out a systematic review about athletics with emphasis on the pedagogical subarea; b) to characterize the space of athletics in the state of Mato Grosso from the students' perspective; c) to characterize the space of athletics in the state of Mato Grosso from the teachers' perspective; d) to elaborate a systemic-ecological model for teaching athletics in school environment (MSEA); e) to evaluate the experience of implementing the MSEA in school Physical Education classes. The present thesis was developed in the alternative model, sustained by qualitative assumptions and under the framework of the Bioecological Model of Human Development (BMHD). It uses semi-structured questionnaires, interviews, reports, and document analysis, being descriptive-exploratory and propositional. It is organized into three studies, composed of articles, which aim to answer the objectives of this research, as follows Study I Article I (EIAI) - Overview of the scientific production on athletics (1990 - 2017): An analysis of scientific articles in three languages with emphasis on the pedagogical subarea; Study II - Characterization of athletics from the perspective of students from a Brazilian state; Study III - Characterization of athletics from the perspective of teachers from a Brazilian state; Study IV - Systemic-ecological model for the teaching of athletics (MSEA); Study V - Perceptions of teachers and students about the implementation of a model for the teaching of athletics in Physical Education classes. Based on the studies carried out, we concluded that the low scientific production about the athletics content in Physical Education classes is latent, and when we observe events that culminate the learning of this content (school games) it is evident that the main teaching locus is not at school. Furthermore, when we developed and implemented a model for teaching this content for PE classes, we evidenced its effectiveness in the students' learning process, which revealed a fruitful path in response to the objectives of this thesis.

Keywords: Teaching model. Athletics. School environment. Human Development.

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 1 - Estrutura da tese | 25 |
| Quadro 2 - Quantitativo dos artigos científicos por plataforma e idioma | 61 |
| Quadro 3 - Periódicos que publicaram sobre a temática atletismo e sua classificação | 63 |
| Quadro 4 - Perfil dos professores e professora participantes da pesquisa | 118 |
| Quadro 5 - Subsídios/informações necessárias para atuação como treinador de jovens escolares durante a graduação..... | 123 |
| Quadro 6 - Participação e interesse em formação sobre esporte e EF | 124 |
| Quadro 7 - Formação continuada em serviço..... | 126 |
| Quadro 8 - Ensino do atletismo nas aulas de EF | 133 |
| Quadro 9 – Sistematização/organização didática do conteúdo atletismo para o ensino fundamental..... | 166 |
| Quadro 10 - Perfil das professoras participantes da pesquisa | 179 |
| Quadro 11 - Conteúdo das UD das docentes conforme MSEA..... | 182 |
| Quadro 12 - IC e DSC relativa as entrevistas das docentes | 185 |
| Quadro 13 - IC e DSC relativas aos relatórios de aplicação da UD | 187 |
| Quadro 14 - Proposições dos escolares para aumentar o acesso da comunidade ao atletismo..... | 190 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1 - Distribuição dos artigos referentes ao atletismo na EFE por categorias.. | 73 |
| Tabela 2 - Perfil dos jovens participantes da pesquisa | 91 |
| Tabela 3 - Períodos e espaços para treinar atletismo..... | 94 |
| Tabela 4 - Diferenças auto declaradas entre o acesso ao atletismo nas aulas de EF e nos treinos..... | 95 |
| Tabela 5 - Meios para aprender sobre o conteúdo atletismo na escola..... | 96 |
| Tabela 6 - TIC utilizadas para acesso ao conteúdo atletismo na escola | 97 |
| Tabela 7 - Mediana e intervalo interquartil do quantitativo de erros obtidos nas avaliações dos alunos nos momentos pré-intervenção e pós-intervenção | 190 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1 - Relações entre os estudos e artigos | 27 |
| Figura 2 - Relações entre os componentes do MBDH | 37 |
| Figura 3 - Estruturação e tipologia dos estudos e seus artigos | 48 |
| Figura 4 - Elementos da pesquisa conforme o MBDH..... | 49 |
| Figura 5 - Distribuição dos periódicos por origem | 62 |
| Figura 6 - MSEA e os elementos contextuais conforme o MBDH | 149 |
| Figura 7 - Organização didática do MSEA..... | 154 |
| Figura 8 - Representação pictórica do MSEA conforme seus elementos estruturantes | 159 |
| Figura 9 - Organização didático/metodológica do MSEA | 177 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|-----|
| Gráfico 1 - Percentuais de produções sobre o atletismo categorizados de acordo com as subáreas do conhecimento em Educação Física | 65 |
| Gráfico 2 - Relação da quantidade de produções em intervalos de 5 anos | 66 |
| Gráfico 3 - Publicação de artigos sobre atletismo na subárea biodinâmica | 66 |
| Gráfico 4 - Publicação de artigos sobre atletismo na subárea sociocultural | 67 |
| Gráfico 5 - Publicação de artigos sobre atletismo na subárea pedagógica..... | 67 |
| Gráfico 6 - Participação nas aulas de Educação Física | 94 |
| Gráfico 7 - Tempo que participa de competições por essa escola | 95 |
| Gráfico 8 - Interesse em aprender sobre o atletismo usando o celular | 97 |
| Gráfico 9 - TIC que utiliza para aprender sobre o atletismo | 98 |
| Gráfico 10 - TIC que gostaria de acessar mais para aprender sobre o atletismo..... | 98 |
| Gráfico 11 - Ano em que começou a treinar..... | 99 |
| Gráfico 12 - Quantidade de treinos semanais (dias) e período de treino diário (minutos) | 100 |
| Gráfico 13 - Locais utilizados para treinar | 101 |
| Gráfico 14 - Dificuldades para treinar e competir | 102 |
| Gráfico 15 - Apoio que recebem dos familiares..... | 103 |
| Gráfico 16 - Prática de modalidade esportiva anterior a função de professor..... | 120 |
| Gráfico 17 - Modalidade esportiva vivenciada pelo participante..... | 120 |
| Gráfico 18 - Maior nível competitivo alcançado pelo participante..... | 121 |
| Gráfico 19 - Demandas formativas elencadas pelos participantes | 127 |
| Gráfico 20 - Carga horária semanal dedicada a função de treinador | 128 |
| Gráfico 21 - Recursos mais utilizados para elaboração dos treinos | 129 |
| Gráfico 22 - Dificuldades elencadas na prática profissional | 130 |
| Gráfico 23 - Atualização para o ensino do atletismo | 131 |
| Gráfico 24 - Locais utilizados para a realização de treinamentos | 135 |
| Gráfico 25 - Percepção sobre condições dos espaços, materiais e recursos humanos de sua equipe..... | 136 |
| Gráfico 26 - Percepção sobre condições dos espaços, materiais e recursos humanos de seu município | 136 |
| Gráfico 27 - Quantidade de erros da turma na identificação de provas do atletismo, pré e pós-intervenção..... | 188 |
| Gráfico 28 - Reconhecimento de provas do atletismo e seus objetivos/turma P2.. | 189 |
| Gráfico 29 - Reconhecimento de provas do atletismo e seus objetivos/turma P3.. | 189 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEP – Associação Brasileira de Empresas Privadas

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

BR - Brasil

CAAE - Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

CAPES - Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior

CBAT – Confederação Brasileira de Atletismo

CNES – Conselho Nacional de Esportes

DCNEM – Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio

DECS – Descritores em Ciências da Saúde

EBSCO – Business Source Complete

ES - Espanha

FAMT – Federação de Atletismo de Mato Grosso

FPA – Federação Paulista de Atletismo

IAAF – International Association of Athletic Federations

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

ISI – Information's Science Institute

JCR – Journal Citations Reports

JEM – Jogos Escolares Mato-grossenses

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

MDEP – Modelo de Desenvolvimento do Esporte Participação

MSEA – Modelo Sistêmico Ecológico para o Ensino do Atletismo

MT – Mato Grosso

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PCNEM – Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio

PNAD – Pesquisa Nacional por Amstras de Domicílios

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano

SAEL/MT – Secretaria Adjunta de Esporte e Lazer de Mato Grosso

SECEL/MT – Secretaria Estadual de Cultura, Esporte e Lazer

SCIELO - Scientific Electronic Library Online

SEDUC/MT – Secretaria de Educação e Cultura de Mato Grosso

SJR – Scimago Journal Rank

SP – São Paulo

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

TDIC – Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

UNESP – Universidade Estadual Paulista

WA – World Athletics

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| APRESENTAÇÃO | 20 |
| ESTRUTURA DA TESE | 24 |
| 1 ESTUDO I - INTRODUÇÃO GERAL - CONVERGÊNCIAS TEÓRICAS COMO SUSTENTÁCULO PROPOSITIVO PARA O ENSINO DO ATLETISMO | 30 |
| 1.1 INTRODUÇÃO | 30 |
| 1.2 ESPORTE E O MODELO BIOECOLÓGICO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO PAUTADO NO PARADIGMA SISTÊMICO-ECOLÓGICO..... | 34 |
| 1.3 O ENSINO DO ATLETISMO, A EPISTEMOLOGIA DA PRÁTICA DOCENTE E A PEDAGOGIA DO JOGO | 37 |
| 1.4 MODELO SISTÊMICO-ECOLÓGICO PARA O ENSINO DO ATLETISMO (MSEA) | 41 |
| 1.5 A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DOS CONTEÚDOS | 44 |
| 2 MATERIAL E MÉTODO | 47 |
| 2.1 TIPOLOGIA..... | 47 |
| 2.2 O CONTEXTO DA PESQUISA | 48 |
| 2.3 ESTRATÉGIAS, PARTICIPANTES E INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS | 48 |
| REFERÊNCIAS..... | 50 |
| 3 ESTUDO I – ARTIGO I: PANORAMA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O ATLETISMO (1990 – 2017): UMA ANÁLISE DOS ARTIGOS CIENTÍFICOS EM TRÊS IDIOMAS COM ÊNFASE NA SUBÁREA PEDAGÓGICA | 57 |
| 3.1 INTRODUÇÃO | 58 |
| 3.2 METODOLOGIA | 59 |
| 3.3 RESULTADOS..... | 61 |
| 3.4 ANÁLISES E DISCUSSÕES..... | 68 |
| 3.4.1 Panorama das publicações sobre o atletismo em formato de artigo científico | 69 |
| 3.4.2 A produção científica sobre a temática atletismo na subárea pedagógica com ênfase na educação física escolar em âmbito nacional e internacional | 71 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 76 |
| 4 ESTUDO II – ARTIGO II: CARACTERIZAÇÃO DO ATLETISMO SOB A PERSPECTIVA DE JOVENS ESCOLARES DE UM ESTADO BRASILEIRO | 86 |
| 4.1 INTRODUÇÃO | 87 |
| 4.2 METODOLOGIA | 90 |
| 4.2.1 Participantes e lócus da pesquisa | 90 |

| | | |
|----------|--|------------|
| 4.2.2 | Procedimentos e instrumentos para a coleta de dados e sua análise | 92 |
| 4.3 | RESULTADOS | 93 |
| 4.3.1 | O acesso ao conteúdo atletismo em diferentes espaços formativos | 93 |
| 4.4 | ANÁLISES E DISCUSSÕES | 103 |
| 4.4.1 | O acesso ao conteúdo atletismo em diferentes espaços formativos | 104 |
| 4.4.2 | O uso das TIC para o acesso ao conteúdo atletismo | 105 |
| 4.4.3 | O treinamento e o apoio recebido da família | 107 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 109 |
| | REFERÊNCIAS | 111 |
| 5 | ESTUDO II – ARTIGO III: CARACTERIZAÇÃO DO ATLETISMO NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES DE UM ESTADO BRASILEIRO | 115 |
| 5.1 | INTRODUÇÃO | 116 |
| 5.2 | METODOLOGIA | 117 |
| 5.2.1 | Participantes e lócus da pesquisa | 118 |
| 5.2.2 | Procedimentos e instrumentos para a coleta de dados e sua análise | 118 |
| 5.3 | APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS | 119 |
| 5.3.1 | Experiências na prática esportiva | 119 |
| 5.3.2 | Formação profissional | 122 |
| 5.3.3 | A prática pedagógica | 125 |
| 5.3.4 | Condições para formação esportiva de jovens | 134 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 137 |
| | REFERÊNCIAS | 139 |
| 6 | ESTUDO III – ARTIGO IV: MODELO SISTÊMICO-ECOLÓGICO PARA O ENSINO DO ATLETISMO (MSEA) | 145 |
| 6.1 | INTRODUÇÃO | 146 |
| 6.2 | METODOLOGIA | 148 |
| 6.2.1 | O MSEA na estruturação ecológica | 149 |
| 6.2.2 | Sustentação teórica | 150 |
| 6.2.3 | Elementos estruturantes do MSEA | 151 |
| 6.2.4 | Sistematização dos conteúdos para a Educação Física | 160 |
| 6.2.5 | O conteúdo atletismo no ensino fundamental | 162 |
| 6.2.6 | A organização do conteúdo atletismo e sua relação com o MSEA | 163 |

| | |
|--|------------|
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 167 |
| REFERÊNCIAS..... | 168 |
| 7 ESTUDO III — ARTIGO V: PERCEPÇÕES DE PROFESSORAS E ESTUDANTES SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DE UM MODELO PARA O ENSINO DO ATLETISMO EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA. | 174 |
| 7.1 INTRODUÇÃO | 175 |
| 7.2 METODOLOGIA | 178 |
| 7.2.1 Participantes e lócus da pesquisa | 179 |
| 7.2.2 Procedimentos e instrumentos de coleta de dados | 180 |
| 7.2.3 Fidedignidade na aplicação do MSEA | 182 |
| 7.2.4 Procedimentos para apresentação e análise dos dados | 183 |
| 7.3 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS..... | 185 |
| 7.4 DISCUSSÃO | 191 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 196 |
| REFERÊNCIAS..... | 197 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE | 202 |
| APÊNDICES | 209 |
| APÊNDICE A – Questionário para os estudantes (artigo II) | 210 |
| APÊNDICE B – Questionário para os professores (artigo III) | 213 |
| APÊNDICE C – TCLE professores (artigo III) | 218 |
| APÊNDICE D – TALE estudantes (artigo III) | 220 |
| APÊNDICE E – Estrutura do Diário Reflexivo para aplicação da UD | 222 |
| APÊNDICE F – Autorização para a pesquisa em ambiente escolar | 223 |
| APÊNDICE G – Questionário semiestruturado estudantes do 2º ano | 224 |
| APÊNDICE H – Questionário para os estudantes do 7º ano | 225 |

APRESENTAÇÃO

A respeito do excerto de poema que compõe a epígrafe desta tese, é de minha autoria quando cursava a 5ª série do ensino fundamental que, por sua vez, foi vencedor do concurso de textos poéticos organizado em 1998, pela gestão nacional das escolas Fundação Bradesco. Ela retrata minha experiência formativa escolar na educação básica, em certa frequência sustentada por estímulos à sensibilidade. À época alguns professores utilizavam-se de uma conexão certamente efetiva; a ponte afetiva. Essa ponte nos conectava de forma a criar um ambiente educacional, que gerava a possibilidade de dar sentido ao que se aprendia. Enceto que anseio obstinadamente pela aproximação entre o sensível e o inteligível e agradeço aos professores “de espantos¹” que encontrei, por compartilhar seus saberes. Sob essas considerações, trilhei o caminho de construção dessa pesquisa e suas proposições.

Nesta fase surgiu meu interesse pelo componente curricular de Educação Física, devido à experiência com aulas plurais e repletas de novidades. Inicialmente fui atraído pelo esporte, enquanto pungente ferramenta pedagógica, que captando meus sentidos, me colocava em um universo próprio, emoldurado por um tempo-espaço particular; uma dimensão lúdica. Essas experiências me conduziram a buscar outras possibilidades. Tal condição resultou em uma carreira de atleta e amante do atletismo que apesar das pausas, ainda não terminou.

Via de regra, em 2001, quando cursava o Ensino Médio prestei vestibular para Educação Física na Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranaíba (UNESPAR/FAFIPA), e já em 2002 iniciei o curso de Licenciatura Plena a qual ocorria em período integral. O impacto no início do curso foi intenso, pois, parecia que boa parte dos conhecimentos que adquiri durante meu percurso na educação básica não propiciavam contribuições claras para essa nova fase. Ainda no primeiro ano comecei a refletir acerca de meus conceitos sobre a Educação Física, pois já no início, das quatorze disciplinas ofertadas, apenas quatro pareciam ser da Educação Física, com base em minha limitada compreensão, sustentada em crenças e conceitos superficiais sobre os conteúdos que alicerçavam a matriz curricular deste curso de graduação. Este complexo choque conceitual/prático por pouco não me conduziu à desistência.

¹ Termo criado por Rubem Alves para configurar a atribuição docente na importante tarefa de ensinar, mobilizando o aprendiz a trilhar pelos caminhos do conhecimento. Ao ensinar a criança a pensar se atribui o sentido da educação, que para o autor, tem a função de criar a “alegria de pensar”.

Preferi mergulhar fundo na graduação a desistir e apresentei meu texto monográfico que investigou o atletismo em contexto nacional e estadual (Paraná), no ano de 2006 (primeiro elemento constitutivo do doutorado). Nesse mesmo ano decidi trilhar a carreira de professor e realizei o certame para o estado de Mato Grosso. Em 2007 fui convocado no concurso da SEDUC/MT (Secretária de Estado de Educação do Estado de Mato Grosso). E desse modo deu-se o início da minha carreira na educação pública, especificamente no dia 19 de julho de 2007 na Escola Estadual Marechal Dutra, no município de Rondonópolis/MT. Trabalhei por mais um ano na educação básica e fui aprovado para atuar no Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica² (CEFAPRO).

As demandas formativas atribuídas a nós, professores formadores do CEFAPRO, não estavam restritas apenas a nossa área de atuação, pois, o quantitativo de formadores era pequeno, e a demanda por formação começava a crescer. Nessa época, atendíamos solicitações diversas, entre elas, destacavam-se: atendimento e assessoria ao projeto de Formação Continuada da escola (projeto sala de educador), diversidade cultural, ética, indisciplina, metodologia de ensino, motivação de professores além de formações em tecnologias da informação e comunicação voltadas para a educação. Essa pluralidade de temáticas contribuiu sobremaneira para alguns conflitos em minha identidade de professor/formador. Buscando amenizar esses conflitos, criamos um grupo de estudos em Educação Física, que se reunia semanalmente para discutir e estudar especificamente nossa área e como poderíamos melhor intervir nesse escopo.

Em 2010, ingressei em uma especialização em Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) ofertada em plataforma virtual pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Nessa época investiguei a formação do formador em plataformas virtuais (segundo elemento constitutivo do doutorado). Tratava-se de uma atuação contínua, na medida em que, em documentos oficiais voltados à escola pública as áreas de conhecimento receberam a menção em sua nomenclatura do complemento “e suas tecnologias”.

Em 2012 ingressei no mestrado em educação pela Universidade Federal de Mato Grosso e em meados de 2014, produzi uma dissertação na área de Formação

² Trata-se de uma política pública Estadual, sustentada legalmente, para a criação e manutenção de centros de formação profissional, com ênfase em políticas públicas educacionais e acompanhamento formativo de educadores das diferentes áreas do conhecimento atuantes em escolas públicas.

de Professores e Políticas Públicas com a temática específica que referencia o lúdico na prática pedagógica de professores atuantes em escolas públicas estaduais (terceiro elemento constitutivo da tese doutoral).

A formação *strictu sensu* me permitiu potencializar os processos formativos no CEFAPRO, bem como, divulgar o trabalho realizado. Ainda no ano de 2014 fui aprovado em um novo concurso público, ingressando como docente efetivo na Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT/Campus de Cáceres/MT, para o curso de Licenciatura em Educação Física. No período de um ano, e em parceria com os professores ingressantes no mesmo concurso público, instauramos grupos de pesquisa e projetos de extensão. Tornei-me coordenador de área do PIBID. Atuei como docente na graduação lecionando, principalmente, na disciplina de atletismo e na pesquisa e na extensão com o PROAT (projeto de extensão em atletismo). Tenho, em dias atuais, mantido a tríade universitária por meio do atletismo, da prática pedagógica, da formação de professores e da teoria do jogo (quarto elemento constitutivo da presente tese)

Ao propor a presente tese de doutoramento, busco aglutinar as experiências formativas que vivenciei sob a temática atletismo (experiências de vida; experiências acadêmicas na graduação) das Tecnologias da Informação e Comunicação (especialização), da prática pedagógica e formação de professores, problematizando o ambiente de jogo na escola (mestrado), e ainda das experiências enquanto docente da educação superior no ensino (disciplina de atletismo), na extensão (PROAT-Projeto de atletismo) e na pesquisa referenciando as supracitadas temáticas. São esses conteúdos que alimentam meu processo de construção e desenvolvimento identitário profissional/pessoal.

O que me conduz ao atual momento de reflexões sobre o ensino do atletismo, que considere a prática docente em sua epistemologia e o jogo enquanto manifestação que atribui sentido existencial a condição humana e ao seu desenvolvimento, tendo a escola enquanto principal e democrático espaço para o desenvolvimento humano. Para além disso, o período de doutoramento é um fechamento de ciclo, que possibilitou congregar diferentes experiências acadêmicas proporcionadas pela prática pedagógica, em momentos distintos (graduação, especializações, docência na educação básica, mestrado e docência no ensino superior) que foram preenchidas de significado pelos temas que congregam a formulação da estrutura dessa produção acadêmica.

Ademais, é indispensável salientar que esse processo de fechamento de ciclo não se descolou do atual momento vivido. É importante demarcar que enfrentamos uma pandemia em âmbito mundial e, no Brasil, estamos assolados com mais de 610 mil mortes registradas. Essa situação caótica afetou diretamente a vida de toda população mundial, e não seria diferente com os caminhos desta pesquisa. Tínhamos a aprovação de um doutoramento com dupla titulação a ocorrer em universidade espanhola, que não pode ocorrer. Além disso, o desenvolvimento das diferentes etapas para a construção desse manuscrito, tiveram que ser adiadas ou mesmo readequadas, principalmente etapas concernentes aos estudos de campo, ação possível devido a prorrogação do período de doutoramento – de ofício pela UNESP - e de afastamento para qualificação profissional – sob solicitação frente ao governo do estado de Mato Grosso.

Em linhas gerais, nos últimos anos, vivemos um retrocesso generalizado e agravado em nosso País, que diretamente e indiretamente seifou vidas, notadamente com a calamidade das políticas públicas e de decisões administrativas tardias e reiteradamente equivocadas, que afetou a todos. Em meio ao luto, insatisfação e descrença generalizadas, situei-me esperançoso na busca pelos melhores caminhos para o desenvolvimento desse estudo e em respeito a batalha encampada, dedicamos todas nossas energias para concluí-lo considerando nosso planejamento, mas para além dele, produzindo um compêndio que transitou da teorização a implementação.

ESTRUTURA DA TESE

As demandas da sociedade contemporânea acerca do acesso aos novos conhecimentos científicos, não têm encontrado somente nas teses de doutoramento sua principal fonte de atualização. Basta observarmos como artigos científicos têm espaço predominante nos capítulos de referências. Esta situação nos remete a alguns questionamentos: Quem tem lido essas produções? A quem está sendo direcionada essas revoluções científicas, ou novos paradigmas? Como os achados científicos podem encontrar os anseios da humanidade no que concerne à melhoria das condições de vida da população em geral, afinal não é isso que objetivam boa parte dos cientistas e pesquisadores?

Consideramos que não haja uma forma de produção e publicação científica que responda a todos esses anseios. Compreendemos, também, que não é inglorioso optarmos por outros caminhos e, quem sabe assim, aumentar ao menos o acesso ao que foi produzido na jornada da pós-graduação *strictu sensu*. Sob essa égide estabelecemos nossa opção por um modelo alternativo, de organização da tese que na concepção de Lazarotti Filho (2011), preconiza a transformação do texto em um conjunto de artigos científicos, publicados ou, ao menos, prontos para a publicação.

Para tanto, outorgamos a responsabilidade e reconhecimento dos desafios dispostos frente a essa opção, tais como, as armadilhas do autoplagio, a possível ausência de densidade e aprofundamento, que pode ser originada pelos limites quantitativos estabelecidos pela tipologia de produção; a temerosa fragmentação das ideias balizadoras dos manuscritos, impulsionada pelos limites estabelecidos na finalização das etapas/artigos da tese; entre outros.

Em detrimento a conjuntura explicitada, consideramos que tais riscos possam ser enfrentados com rigorosidade, tratamento metodológico adequado e responsabilidade científica frente ao caminho percorrido para a organização da pesquisa como um todo.

Diante ao exposto, a presente tese está organizada em elementos pré-textuais; três estudos, cada estudo com artigo(s) e para esse elemento a organização didática ancora-se em três tipologias da produção do conhecimento que adaptamos de Bracht et al. (2011) quais sejam: estudo I Fundamentação, estudo II Caracterização e estudo III Proposição/Implementação. Os estudos são precedidos por um preâmbulo e o(s) artigo(s) de cada estudo são organizados em resumo, introdução, metodologia,

resultados, análises, considerações finais e referências. O texto é composto ainda pelas considerações finais da tese, referências e elementos pós textuais. A seguir, organizamos o Quadro 1 para melhor caracterizar seu formato.

Quadro 1 - Estrutura da tese

| |
|---|
| <p>APRESENTAÇÃO</p> <p>ESTRUTURA DA TESE</p> <p>ESTUDO I FUNDAMENTAÇÃO</p> <p>INTRODUÇÃO GERAL: Convergências teóricas como sustentáculo propositivo para o ensino do atletismo. MATERIAL E MÉTODO: Metodologia geral. Modelo adotado. Instrumentos utilizados. Procedimentos de coleta, apresentação dos resultados e análises. ARTIGO I (Estudo de revisão) Panorama da produção científica sobre o atletismo (1990 – 2017): uma análise dos artigos científicos em três idiomas com ênfase na subárea pedagógica Introdução. Metodologia. Resultados. Discussão. Considerações Finais. Referências.</p> <p>ESTUDO II CARACTERIZAÇÃO</p> <p>ARTIGO II (artigo original) Caracterização do atletismo na perspectiva de estudantes de um estado brasileiro: Introdução. Metodologia. Resultados. Discussão. Considerações Finais. Referências. ARTIGO III (artigo original) Caracterização do atletismo na perspectiva de professores de um estado brasileiro: Introdução. Metodologia. Resultados e Discussão. Considerações Finais. Referências.</p> <p>ESTUDO III PROPOSIÇÃO/IMPLEMENTAÇÃO</p> <p>ARTIGO IV (artigo original) Modelo sistêmico-ecológico para o ensino do atletismo (MSEA): Introdução. Metodologia. Resultados. Discussão. Considerações Finais. Referências. ARTIGO V (artigo original) Percepções de professoras e estudantes sobre a implementação de um modelo para o ensino do atletismo em aulas de Educação Física. Introdução. Metodologia. Resultados. Discussão. Considerações Finais. Referências</p> <p>CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE.</p> <p>APÊNDICES.</p> |
|---|

Fonte: Os autores

O primeiro estudo tem por intuito a fundamentação para produção da tese e está dividido em dois momentos. Introdução geral da tese que assenta o método, referenciais balizares, conceitos/marco teórico, problema e objetivos e, o segundo, é um artigo de revisão sistemática sobre o conteúdo atletismo, que averiguou o conhecimento atual por meio das publicações em formato de artigo científico em

âmbitos nacional e internacional em busca de garantir coerência, ineditismo, densidade teórica e relevância na produção do presente manuscrito, notadamente lançando olhares ao que se tem produzido na área de concentração pedagógica.

O segundo estudo visa caracterizar o espaço do atletismo escolar no estado de Mato Grosso, divide-se em dois artigos que contemplam a ótica dos estudantes e professores participantes da fase final dos Jogos Escolares da Juventude (JEJ/MT), no ano de 2018. A escolha desse evento específico ocorre por três motivos: a) permite amostra populacional oriunda de diferentes regiões do estado b) a modalidade atletismo, no referido evento, ocorre apenas na fase estadual, portanto, pesquisas que a tenham como foco não podem ser realizadas em outra etapa; c) materializa-se a prática da modalidade e permite averiguar como o acesso a esta ocorre, visto a tipologia do evento que nominalmente é escolar. Essas produções permitiram observar possíveis diferenças/relações no encaminhamento do processo de formação esportiva dos jovens tendo como foco os objetivos para o ensino do atletismo, seja enquanto conteúdo historicamente construído das práticas corporais no/para o espaço das aulas de Educação Física, seja no âmbito da iniciação esportiva para a modalidade em questão e de sua participação em eventos esportivos, escolares ou não, em suma, em seu caráter educacional.

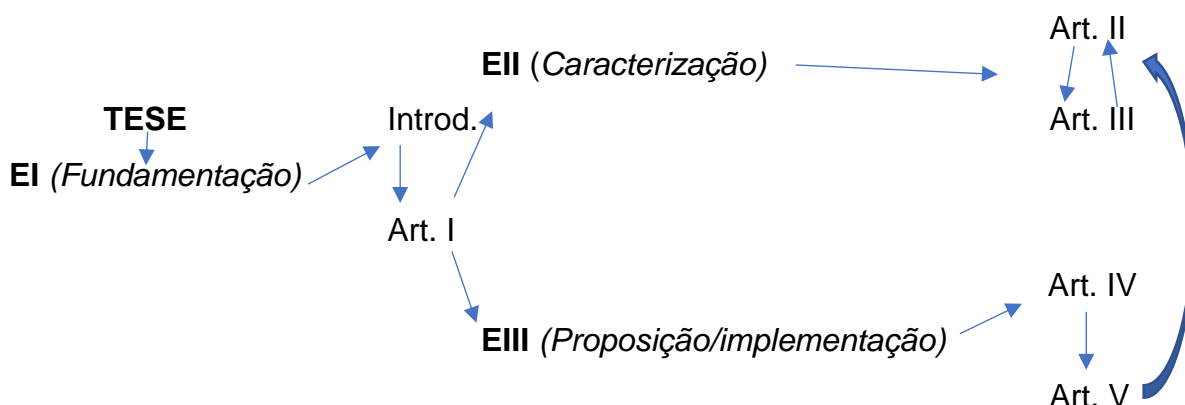
No terceiro estudo caracterizado como proposição/implementação, elaboramos dois artigos. No primeiro desenvolvemos um modelo sistêmico-ecológico para o ensino do atletismo em ambiente escolar (MSEA), considerando a epistemologia da prática docente, o ambiente das aulas de Educação Física na escola, a pedagogia do jogo em diferentes elementos processuais e contextuais que afetam o processo de ensino, em uma ótica sistêmica e ecológica.

No segundo artigo implementamos e avaliamos o MSEA com três professoras atuantes em ambiente escolar, com turmas do 2º e 7º anos do ensino fundamental. Essa aplicação foi precedida por curso de formação para o modelo com o total de 30 horas que culminou na construção do planejamento e aplicação de três unidades didáticas de 8 a 12 aulas (uma para o segundo ano e duas para dois (7º) anos).

Na sequência produzimos as considerações finais da tese, momento esse em que buscamos alinhar as produções constantes nos três estudos, evidenciando os desafios encontrados durante o percurso e os caminhos percorridos para sua superação, além disso expusemos a confrontação ao nosso objeto de pesquisa e a

tese ora formulada. Para representarmos as relações entre os estudos e seus artigos apresentamos o diagrama da figura 1.

Figura 1 - Relações entre os estudos e artigos



Fonte: Os autores

Nossa tese parte de variável teórica consolidada que trata da incipiência do conteúdo atletismo na escola. Ao problematizarmos os caminhos que desembocaram para esse cenário apresentamos uma proposição para determinado contexto que precisou ser caracterizado. Após isso seguimos com o desenvolvimento de um modelo de ensino do atletismo para as aulas de Educação Física com turmas do ensino fundamental, que correspondem a atuais e futuros participantes dos jogos escolares. Então, implementamos o referido modelo e avaliamos a experiência pela ótica de estudantes e professores.

Os artigos, conforme disposto na figura 1 foram desenvolvidos em atendimento às necessidades de compreensão da realidade por nós investigada, na medida em que produziram novos questionamentos, foram sendo problematizados dentro da estrutura anteriormente projetada. Nesse sentido, desvelamos as relações entre os achados constantes nos artigos produzindo assim uma percepção adequada sobre o contexto escolhido. Sua culminância está disposta no último manuscrito (artigo V), momento em que materializamos a resposta a nossa tese.

ESTUDO I: FUNDAMENTAÇÃO

(...) o trabalho numa tradição bem delimitada e profundamente arraigada parece ser mais capaz de produzir novidades que derrubem as tradições do que o trabalho em que não há nenhum padrão convergente similar.

Thomas S. Kuhn

PREÂMBULO

Como outrora evidenciado nossa opção pela elaboração da tese organizada em estudos possibilitou sua disposição em distintas tipologias, no caso, em especificamente três: fundamentação, caracterização e proposição/implementação. Para esse momento nos aprofundaremos no primeiro. Pois bem! O estudo de fundamentação foi organizado em dois momentos, o primeiro recebe duas conotações, condizentes com sua função: “Introdução geral da tese” e com seu teor: “Convergências teóricas como sustentáculo propositivo para o ensino do atletismo”, nessa introdução objetivamos sinalizar para nossa opção teórica (método) e pela forma escolhida para trilhar esse caminho (metodologia). Arraigados pela perspectiva do pensamento convergente, que compõe a epígrafe desse estudo, alinhavamos a trilha que será seguida em busca do que objetivamos na construção de nosso texto final.

Completando nosso primeiro estudo realizamos a produção do primeiro artigo³ que se tratou de uma revisão sistemática sobre o panorama da produção científica em formato de artigos sobre o atletismo. Para essa produção nos propusemos a investigar o que já se publicou sobre o tema em distintas bases de dados e em três idiomas. Essa empreitada possibilitou a aquisição de lastro teórico, notadamente no que se refere ao ensino do atletismo no tocante a subárea pedagógica e além disso, a problematização do cenário da Educação Física escolar concernente a essa temática.

Os referidos textos possibilitaram a expansão de nosso cabedal teórico/científico, portanto, em duas conjecturas: à medida em que sinaliza para os caminhos teóricos que serão trilhados e sua base epistêmica e, situando a produção científica nacional e internacional sobre a temática. Tais fatores oportunizaram o

³ Artigo já publicado, conforme explicitaremos doravante na nota 15.

franco diálogo entre distintas realidades desvelando caminhos já percorridos e imbróglis que merecem a dúvida e o investimento científico.

1 ESTUDO I - INTRODUÇÃO GERAL - CONVERGÊNCIAS TEÓRICAS COMO SUSTENTÁCULO PROPOSITIVO PARA O ENSINO DO ATLETISMO

1.1 INTRODUÇÃO

O Brasil possui 27 unidades federativas, distribuídas em cinco macrorregiões, sul, sudeste, centro oeste, norte e nordeste, estendendo-se por 8.516.000 km², por essas proporções é considerado como um País de amplitude continental. Em relação aos habitantes, o quantitativo populacional tem aumentado nos últimos anos e atualmente a projeção ultrapassa os 213 milhões (IBGE, 2021) dentre os quais, com base no Censo (2020), 9.715.010 efetuaram matrículas no ensino fundamental anos finais e 6.256.296 efetivaram matrículas no ensino médio, considerando as esferas municipal e estadual e ainda os regimes parciais e integrais. Para o estado de Mato Grosso, compilando as matrículas tanto na esfera municipal quanto estadual e os regimes parciais e integrais conforme o Censo (2020) foram contabilizados 181.844 jovens matriculados nos anos finais do ensino fundamental e 116.728 matriculados no ensino médio.

Em Mato Grosso as modalidades esportivas têm como principais lócus de fomentação as unidades escolares, seja no âmbito das aulas de Educação Física, e também em programas (segundo tempo, novo mais educação) entre outros, que são ofertados no âmbito extracurricular. As práticas esportivas vivenciadas nos jogos escolares da juventude (JEJ), ou em qualquer outra forma de eventos esportivos, para essa etapa formativa, recorrem às equipes e participantes individuais que são forjados/iniciados à prática esportiva dentro desse espaço, leia-se escola.

O panorama nacional e estadual em destaque nos convida a refletir sobre o lugar do esporte na vida dos estudantes, sobretudo no que diz respeito aos participantes dos jogos escolares da juventude de Mato Grosso (JEJ/MT). Visto a relação entre o esporte educacional e o desenvolvimento humano considerando o espaço escolar como possibilidade (BARBIERI, 2001; PAES, 2006; FREIRE, 1997). O esporte, no que lhe concerne, é uma pungente ferramenta de transformação social por ser um fenômeno sociocultural (PAES, 2002; GALATTI et al., 2014) e, na contemporaneidade, um dos mais importantes em seu caráter educacional (BARBIERI, 2001; PAES, 2006). Assim temos essa categoria (educacional) enquanto

processo, e seu desdobramento final, esporte escolar, enquanto produto (SADI, 2013).

Segundo o PNUD (2017) a oferta do esporte à população ocorre em três distintas dimensões, isto é, na Educação Física escolar; no âmbito extracurricular e ainda em contextos informais de atividades físicas e esportivas. Concernente ao exposto, existem ainda distintas dimensões que regem a prática esportiva. Para Tubino (2001) se divide em esporte de desempenho, participação e educacional. Na categoria educacional/escolar, entre as possibilidades de modelos para seu ensino, observamos o Modelo de Desenvolvimento do Esporte de Participação (MDEP) (CÔTÉ; VIERIMAA, 2014) e o das dimensões do conteúdo para ensino do esporte (DARIDO, 2012).

Referente a essas possibilidades no MDEP existem três estágios que não são estanques para determinadas faixas etárias, mas possuem características de predominância que obedecem a uma ordem sequencial (CÔTÉ, VIERIMAA, 2014). Assim temos os *anos de diversificação*, *anos de especialização* e *anos de investimento*. Os dois últimos apresentam-se mais adequados, mas não exclusivos, ao espaço para além das aulas de Educação Física. Por outro lado, o estágio de *anos de diversificação* são possibilidades para as aulas de EF. Já a proposta que se sustenta nas dimensões do conteúdo, alinha-se aos preceitos do espaço das aulas de Educação Física escolar (REVERDITO et al., 2016), inclusive para o ensino do atletismo (MATTHIESEN, 2014).

Para as aulas de EFE o estágio de diversificação do MDEP tem como estrutura de organização o jogo deliberado que "(...) constitui-se de um conjunto de atividades físicas e vivências de movimentos de forma espontânea e geralmente autônoma, a partir de diferentes jogos e brincadeiras (...)" (COLLET, et al., 2017, p. 96). Por sua característica ocorre mormente em ambientes não formais, mas podem ser sustentados em ambientes escolares conforme a prática pedagógica docente, portanto passível de estruturar-se em um ambiente de aprendizagem institucional. Essa metodologia encontra na liberdade de expressão o ambiente propício em que a intencionalidade pedagógica envida esforços para exaltação da criatividade possibilitando uma conduta lúdica de professores e estudantes (BRESSAN, 2014; SCAGLIA; REVERDITO; GALATTI, 2013).

Mais direcionados a ambientes exteriores as aulas de EFE, observamos dentro do MDEP os estágios de especialização (13 a 15 anos). Nesse momento formativo

“(...) as crianças devem ter a oportunidade de escolher uma modalidade esportiva para especialização, em que haja um equilíbrio entre as atividades não estruturadas e estruturadas.” (COLLET, et al., 2017, p. 96). E o último estágio do modelo caracteriza-se como de investimento (16 a 18 anos) e encontra na prática deliberada um espaço propício para seu desenvolvimento, visto dedicar mais tempo as especificidades das modalidades esportivas, em suas estruturas, táticas, técnicas e competências mobilizadas para o jogar em cada uma delas (SCAGLIA et al., 2013). Ainda encontra no planejamento de um treinador que almeja melhorias de aspectos relacionados a *performance* por meio de refinamento analítico e monitoramento (COLLET, et al., 2017).

O segundo modelo, estrutura-se nas dimensões do conteúdo, adaptadas de (COLL, 2000), sua premissa é de que o esporte é um conteúdo das aulas de Educação Física a ser conhecido, vivenciado e debatido. Por se tratar de um conhecimento produzido pela humanidade, portanto um conteúdo cultural, encontra no espaço da Educação Física seu bojo de disseminação, dentro de seu enquadramento no escopo da cultura corporal de movimento. Nesse sentido, se objetiva além de apresentá-lo, também reproduzi-lo e ressignificá-lo (IMPOLCETTO; DARIDO, 2011; DARIDO, 2012; MATTHIESEN, 2014).

Assim, consideramos que diferentes perspectivas para o ensino do esporte, possam atender a distintos espaços formativos. Algumas propostas encontram-se adequadas para o âmbito extracurricular, e outras para as aulas de Educação Física na escola. Porém, ao se observar uma acertada transposição didática efetivada pelo professor mediador, alguns conceitos dos demais modelos podem também servir para o ensino do esporte nas aulas de Educação Física. Pois quando observado o âmbito escolar “poderá proporcionar um ambiente significativo e rico em possibilidades para conviver com o fenômeno esportivo” (REVERDITO et al., 2016, p. 70), desde que se recorra aos objetivos pedagógicos da escola, bem como da Educação Física.

Ao direcionarmos nossos olhares para o desenvolvimento do conteúdo atletismo na escola, temos encontrado críticas sobre sua incipiente oferta, principalmente nas aulas de Educação Física (MATTHIESEN, 2005, 2014, 2017; MARQUES; IORA, 2009; GÓES; VIEIRA JUNIOR; OLIVEIRA, 2014; MOTA; SILVA, et al. 2015). Ainda que nas últimas décadas tenha ocorrido um aumento da incidência desse conteúdo nas aulas de EF, o que se observa é que sistematicamente isso não tem ocorrido efetivamente (MOTA; SILVA et al., 2015).

É sabido que ocorre a oferta formativa para o ensino do conteúdo atletismo em cursos de licenciatura em Educação Física, salvaguardadas as reflexões acerca de qualidade, desenvolvimento e perspectiva. Também é de consenso sua evidência enquanto conteúdo historicamente produzido, que compõe as práticas corporais. Além disso, consta em documentos curriculares norteadores para esse componente curricular, seja nos âmbitos nacional, estaduais e municipais (PCN, BNCC, orientações curriculares de estados e municípios). Porém, apesar disso, paira sobre o planejamento dos professores e professoras a dificuldade, fruto de um tecido complexo de fatores, em transpor didaticamente para sua prática pedagógica os conteúdos relativos ao atletismo.

Em detrimento a isso, o surgimento de modelos e perspectivas já difundidas no Brasil e no mundo e estruturadas em perspectivas inovadoras tem buscado superar esse cenário, entre eles: o modelo Ludotécnico (VALERO-VALENZUELA; CONDE, 2003); o ensino do atletismo com ênfase nas dimensões do conteúdo (MATTHIESEN, 2014); em uma perspectiva histórica (MATTHIESEN; GINCIENE 2013); o *Sport Education* (SIEDENTOP, 1994); *Athletics Challenges* (MORGAN, 2011), o Mini-atletismo (WA/CBAT, 2014) entre outros. Ainda assim, recorrentemente, professores tem sinalizado para maior segurança na aplicação do modelo tradicional de ensino do atletismo (VALERO-VALENZUELA; DELGADO; CONDE, 2009). O que provoca determinada limitação na oferta do conteúdo de forma efetiva (MOTA; SILVA et al., 2015).

Diante ao exposto e tendo como base a conjuntura evidenciada, emana a problemática da presente pesquisa compreender como se dispõe o conteúdo atletismo ofertado em ambiente escolar em determinado Estado brasileiro. Em resposta ao problema apresentamos o objetivo geral de desenvolver e analisar uma proposta de modelo para o ensino do atletismo na escola. A partir desse macro objetivo elencamos os objetivos específicos que serão sustentados em produções científicas, conforme fora apresentado no tópico “estrutura da tese”.

- ESTUDO I

Introdução geral - Evidenciar o marco teórico que sustentará o desenvolvimento da tese, bem como, seu método;

Artigo I - Analisar como se dispõe a produção científica em formato de artigo sobre o atletismo, em português, inglês e espanhol sob o recorte temporal de 27 anos 1990 – 2017, com ênfase na subárea pedagógica;

- ESTUDO II

Artigo II - Caracterizar o atletismo escolar em Mato Grosso sob a perspectiva dos jovens participantes da fase final do Jogos Escolares da Juventude (JEJ/MT);

Artigo III - Caracterizar o atletismo escolar no estado de Mato Grosso a partir da perspectiva de professores participantes da fase final dos JEJ/MT;

- ESTUDO III

Artigo IV - Elaborar um modelo para o ensino do atletismo na escola;

Artigo V - Avaliar a experiência de implementação de um modelo para o ensino do atletismo denominado Modelo Sistêmico Ecológico para o Ensino do Atletismo (MSEA).

Anterior ao problema estruturador de nossa pesquisa e de seus objetivos geral e específicos, nos motivamos na seguinte tese. ***O ensino do atletismo em âmbito escolar alcança diferentes objetivos, possibilidades e concepções, no tocante a isso, sua incipiência nas aulas de Educação Física vislumbra uma relação direta com o paradigma da esportivização que têm condicionado sua existência ao espaço físico, materiais específicos, formação específica (expertise), seleção dos mais habilidosos e exaltação do gesto técnico. Essa situação desconsidera os objetivos da escola, das práticas corporais, bem como da epistemologia da prática docente, gerando um quadro de incompatibilidade entre a oferta do conteúdo atletismo (quando ocorre) e os objetivos formativos do espaço em que é ofertado.***

Ao considerarmos essa assertiva vislumbramos a formulação de um modelo didático para o ensino do atletismo em ambiente escolar, em problematização a tese apresentada. Assim, a partir desse marco e com o intuito de delimitar conceitualmente os caminhos para a produção do referido modelo, apresentaremos nos subtópicos vindouros o aprofundamento dos conceitos estruturantes para essa propositura.

1.2 ESPORTE E O MODELO BIOECOLÓGICO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO PAUTADO NO PARADIGMA SISTÊMICO-ECOLÓGICO

Em nosso escopo de pesquisa atentamos a observar o esporte enquanto possibilidade para o desenvolvimento humano de jovens em idade escolar (TURNNIDGE; CÔTÉ; HANCOCK, 2014). No Brasil, estudos que investigam a relação do esporte e desenvolvimento de jovens ainda são escassos (RIGONI, 2014). Contudo, os que têm sido produzidos apresentam importantes relações entre a prática

esportiva e o desenvolvimento humano. Reverdito et al. (2017) ao investigarem a relação entre a prática esportiva e o tempo dessa prática para o desenvolvimento positivo de jovens, registrou a percepção de melhorias pessoais e sociais de crianças, adolescentes a partir da percepção dos professores, dos pais e de membros da comunidade.

Em relação ao ambiente escolar, conforme evidenciam Dessen e Polonia (2007), deve promover pelas práticas educativas “(...) a ampliação e inserção dos indivíduos como cidadãos e protagonistas da história e da sociedade.” (p. 29). Portanto, em seu sentido ampliado enaltecem o desenvolvimento humano ao proporcionar “(...) o emprego da linguagem simbólica, a apreensão dos conteúdos acadêmicos e compreensão dos mecanismos envolvidos no funcionamento mental, fundamentais ao processo de aprendizagem.” (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 26).

Compreendemos que distintas são as lentes epistêmicas para se observar o fenômeno esportivo e sua pujança no período escolar. Acerca disso, delimitamos a escolha pelo pensamento sistêmico-ecológico que embasa o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano (MBDH) (BRONFENBRENNER, 2011). O pensamento sistêmico-ecológico “busca compreender o fenômeno em seu ambiente, reconhecendo e o engendrando no arcabouço de um sistema fundamentalmente interconectado e interdependente (rede)” (REVERDITO, 2016, p. 34). Além do que o pensamento sistêmico está imbricado a uma referência de visão de mundo em que o pesquisador vive, vê e atua na realidade desvelada (VASCONCELLOS, 2018), compondo, portanto, essa rede e as relações dela com o objeto investigado e as relações entre as relações, portanto, ecológico (BRONFENBRENNER, 2011).

O MBDH conforme descreve Reverdito (2016, p. 34) “(...) é composto pela interação sinérgica de quatro componentes interrelacionados: processo (P), pessoa (P), contexto (C) e Tempo (T) (BRONFENBRENNER, 2011). “Neste modelo o **processo** é destacado como o principal mecanismo responsável pelo desenvolvimento, que é visto por meio de processos de interação recíproca (...)” (CECCONELLO; KOLLER, 2016, p. 42). As interações dos seres humanos, ocorrem, portanto, com pessoas, objetos e símbolos existentes em seu ambiente.

O segundo componente, **a pessoa**, tem vinculado seu desenvolvimento com estabilidade e mudança em suas características biopsicológicas durante seu ciclo de vida (CECCONELLO; KOLLER, 2016). Para Reverdito (2016), a força, os recursos e demandas são os três processos que caracterizam a pessoa. Define-se força como

disposição, sendo geradoras e desorganizadoras; os recursos caracterizam-se como a capacidade de colocar em movimento os processos proximais⁴; e por fim, a demanda tem relação com os atributos da pessoa “(...) inibindo ou favorecendo os processos proximais, como aparência física (atrativa — não atrativa), comportamentos ativos ou passivos, e características demográficas, como idade, gênero e etnia.” (REVERDITO, 2016, p. 36 – 37).

O terceiro componente **o contexto** “(...) é analisado por meio da interação de quatro níveis ambientais, denominados microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema.” (CECCONELLO; KOLLER, 2016, p. 46). O microssistema é “(...) um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciadas pela pessoa em desenvolvimento nos contextos nos quais estabelece relações face-a-face” (BRONFENBRENNER, 2011, p. 176). Já o mesossistema é caracterizado por Reverdito (2016, p. 37) como “um sistema formado pelas relações existentes entre dois ou mais ambientes, em que a pessoa em desenvolvimento participa diretamente.”

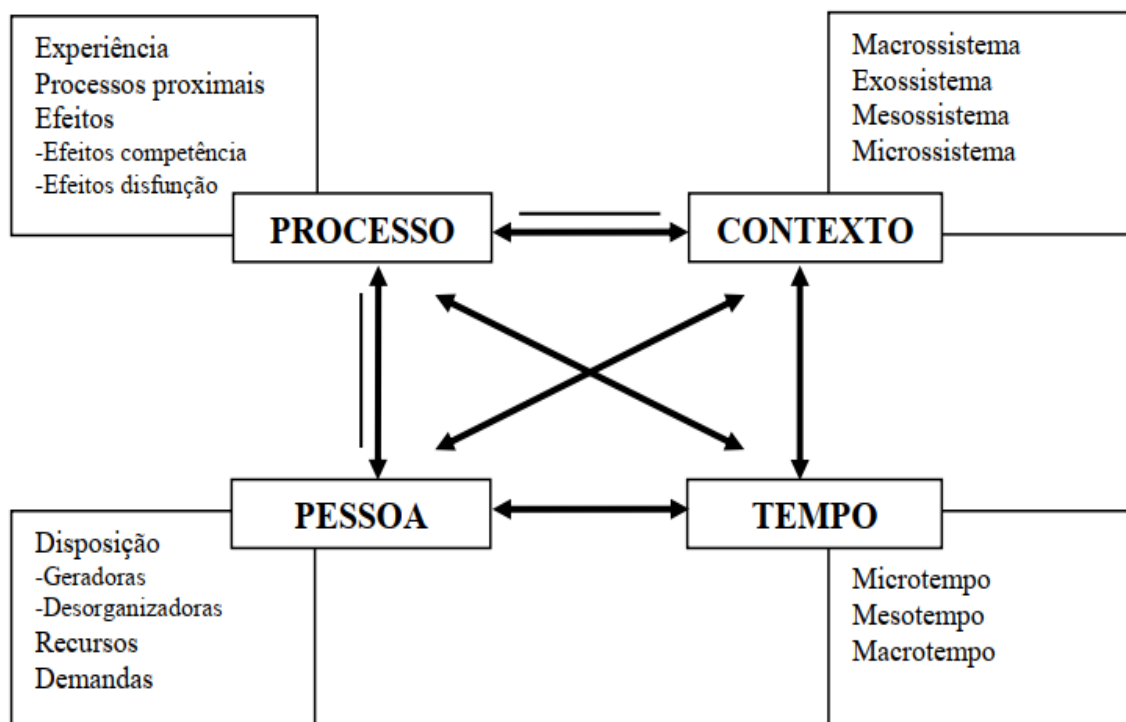
O exossistema configura-se por ligações entre um ou mais contextos, considerando que em um destes a pessoa em desenvolvimento não necessariamente o vivencia, “(...)”, mas nele ocorrem eventos que influenciam os processos no contexto imediato que essa pessoa pertence” (BRONFENBRENNER, 2011, p. 176). E o macrossistema “alcança aspectos socioestruturais e culturais mais amplos, como ideologia, valores e crenças compartilhadas, determinando características que exercem influência no micro, meso e exossistema.” (REVERDITO, 2016, p.37).

O quarto componente, **o tempo**, “(...) permite examinar a influência, para o desenvolvimento humano de mudanças e continuidades que ocorrem ao longo do ciclo da vida.” (CECCONELLO; KOLLER, 2016, p. 47). Considerando suas características biopsicológicas, também ao longo de suas gerações, e ainda no momento histórico em que se encontra, definidos enquanto microtempo (observada nos processos proximais), mesotempo (dias ou semanas) e macrotempo (ao longo da vida).

Apresentamos a figura 2 que sintetiza o MBDH e as relações sinérgicas entre seus quatro componentes, processo (P), pessoa (P), contexto (C) e Tempo (T). Sua aplicabilidade na presente pesquisa será apresentada no capítulo metodológico.

⁴ Para Reverdito (2016, p. 35) “(...) os processos proximais são colocados como os mecanismos produtores primários do desenvolvimento (força motriz), que incidem em padrões duradouros de interações estabelecidas no contexto imediato.”

Figura 2 - Relações entre os componentes do MBDH



Fonte: Reverdito (2016) embasado no tetragrama de Morin (2010)

O MBDH contribuiu significativamente para se pensar o ensino do atletismo e sua relação com o desenvolvimento de jovens escolares, bem como possibilitou reflexões que permitiram evidenciar sua relevância para formação e emancipação humana, tendo como foco sua disseminação em uma perspectiva educacional, em âmbito escolar nas aulas de Educação Física. Para tanto, envidamos esforços na oferta de subsídios teóricos que pavimentaram os caminhos para a criação de um modelo para o ensino do atletismo, considerando a realidade e especificidades alcançadas pela presente pesquisa, mas não cerceando sua possibilidade de reprodutibilidade em outros contextos.

1.3 O ENSINO DO ATLETISMO, A EPISTEMOLOGIA DA PRÁTICA DOCENTE E A PEDAGOGIA DO JOGO

O atletismo figura-se como um dos conteúdos curriculares e extracurriculares da Educação Física. Por sua variedade de provas, permite abarcar alunos e alunas respeitando sua heterogeneidade, podendo inclusive ser adequado para uma diversidade de ambientes formativos. O conteúdo em questão foi e continua sendo objeto de produções científicas que investigam sua importância e incidência para e no

processo de ensino-aprendizagem. Nesses estudos as conclusões vêm contrapondo o ensino tradicional, baseado em padrões de técnicas oficiais, que nada mais são que uma bricolagem do esporte de alto rendimento.

A referida condição para a qual se produz as críticas, está na inviabilidade de oferta pedagógica em ambiente escolar, devido à ausência de materiais específicos, estrutura física e disposição/formação dos professores para ensinar. A medida em que, para o ensino do esporte à maneira tradicional, (com base no esporte oficial) essas condições são indispensáveis para que o atletismo conste no planejamento e efetive-se. Portanto, mediante seu desprovimento, justifica-se sua não oferta (MARQUES; IORA, 2009; MATTHIESEN, 2017; BRESSAN, et al., 2018).

Em resposta a essa situação as proposições para o ensino do atletismo, considerando o âmbito escolar, estão calcadas na possibilidade de adaptação de materiais e de espaço físico para vivências, além do que, estruturadas em uma proposta pedagógica não destoante aos objetivos formativos da escola. Salientamos que o ensino desse conteúdo esportivo se potencializa por um conjunto de regras que se replicam em sua diversidade de modalidades, além de sua similaridade com outros esportes.

Por outro lado, é importante sinalizar que a acepção enquanto esporte base, incide na pulverização de suas especificidades, o que compromete por vezes, o acesso dos escolares a seu conhecimento mais específico, limitando assim, as possibilidades de promoção a esse saber cultural e historicamente produzido (MATTHIESEN, 2017), o estigmatizando como propedêutico. Em referência ao exposto, se faz urgente a reflexão acerca dos anseios da escola, notadamente quando nos referimos aos seus objetivos para o ensino do conteúdo referenciado. Não perdendo de vista os processos que geram a aprendizagem do professor, e de sua prática pedagógica, ambos, observados em uma ótica epistemológica.

Epistemologia de acordo com Gamboa (2010, p. 158) "(...) vem da composição grega *episteme* (conhecimento) e *logos*, (razão, explicação)", na literatura filosófica moderna significa teoria da ciência (GAMBOA, 2010). Portanto, ao tratarmos de epistemologia do professor, estamos a refletir sobre seus processos de aprendizagem, e por efeito, sobre os processos formativos que possibilitam seu acesso ao conhecimento, que por sua vez, devem ultrapassar o horizonte de suas

crenças⁵ se estabelecendo enquanto concepções⁶ profissionais, em seu sentido ontológico e para a função que ocupa.

Temos ainda a epistemologia da prática docente. Para Gamboa (2010b, p. 162) “A expressão epistemologia da prática se refere à análise dos significados da prática, da sua construção histórica e da sua relação com outros conceitos, tais como *teoria* e *práxis*.” Assim, encontra seu fundamento na prática pedagógica, mas para se tornar *práxis* necessita de uma consciência teórica que pode ser alcançada na equalização do adiantamento dessa prática em relação a própria consciência teórica, o que por sua vez, promove o pavimento identitário no confronto do conhecimento da prática e do conhecimento científico estruturado na função professoral adequada ao ambiente de trabalho para o qual é direcionada, no caso a escola. E a escola é o espaço em que ocorre a apropriação, ressignificação e recriação da cultura herdada (DCNEB/BRASIL, 2010), prezando pela formação integral humana, com vistas ao objetivo de formar cidadãos críticos que possam integrar-se e transformar a realidade em que vivem.

Nessa esteira de reflexões, os sentidos e significados da prática pedagógica do professor devem estar vinculados a esses preceitos ao crivar sua identidade epistêmica condizente com seu fazer didático-pedagógico e a seu lócus de atuação. Ademais, conforme seu envolvimento epistemológico e o compromisso gerado por ele, o professor revela uma das distintas condicionantes que determinam sua prática pedagógica (BECKER, 1993).

Diante ao exposto encontramos a importância de considerar o que se tem valorizado (enquanto foco) na produção de materiais pedagógicos: seria a figura do professor, ou do aluno, ou as relações entre professor e aluno? Como perquiriu Becker (1993) em uma de suas pesquisas com professores. A esse respeito, obviamente os investimentos pedagógicos, ao nosso ver, devem ser direcionados a uma perspectiva de se observar o ambiente formativo, alimentado por uma conduta lúdica, que por sua vez, pode ganhar contornos de ambiente de jogo enquanto ambiente de aprendizagem (CARNEIRO, 2012; SCAGLIA, et al., 2013)

⁵ Adotamos a definição de crença com base em Ponte (1992) trata-se de “parte do conhecimento relativamente ‘pouco elaborada’, (...) predominaria a elaboração mais ou menos fantasista e a falta de confrontação com a realidade empírica” (08)

⁶ Para Ponte (1992, p.01) “as concepções tem uma natureza essencialmente cognitiva. Atuam como uma espécie de filtro” contrapondo o dogmatismo.

Tomando o conteúdo atletismo como objeto do processo de ensino, notadamente em relação ao elemento lúdico, reconhecemos a possibilidade de que o esporte seja jogo, porém, não se pode afirmar essa assertiva em sua totalidade. Para Huizinga (2019, p. 258) “(...) a sistematização e regulamentação cada vez maior do esporte implica a perda de uma parte das características lúdicas mais puras.” O autor (2019) escreve que esta manifestação se evidencia quando observado os amadores e profissionais o “(...) que implica uma separação entre aqueles em que o jogo já não é jogo e os outros, os quais, por sua vez, são considerados superiores apesar de sua competência inferior.” (p. 258) e completando Huizinga (2019, p. 258) afirma: “O espírito profissional não é mais o espírito lúdico, pois lhe falta a espontaneidade, a despreocupação.”

Saindo da especificidade do elemento lúdico e, portanto, considerando o fenômeno jogo, concordamos com Retondar (2013, p. 10) que “o jogo é uma prática cultural e social legitimada (...)”, e também com Freire (2002) quando enfatiza que o jogo diz respeito a uma categoria maior, em seu sentido abstrato e simbólico, manifestando-se ou personificando-se em diferentes cenários e circunstâncias. Por exemplo: quando as pessoas fazem esporte, quando lutam, quando fazem ginástica, quando as crianças brincam e tantas outras formas de personificação, sempre gravitando em torno do mesmo eixo central: o jogo (FREIRE; SCAGLIA, 2003).

O compreendendo dessa forma e na perspectiva da pedagogia do jogo (FREIRE, 2001; FREIRE, 2002; LEONARDO; SCAGLIA. REVERDITO, 2009; SCAGLIA et al.; 2013; SCAGLIA; REVERDITO; GALATTI, 2013), nos apropriamos do conceito de ensinar envolto identitariamente enquanto objeto da pedagogia, e do jogo enquanto fenômeno repleto de sentidos e significados, atributo essencial da existência humana (DUFLO, 1999; HUIZINGA, 2019).

Assim a pedagogia do jogo tem sido observada enquanto referencial para o conteúdo e metodologia para o ensino, vivência e formação humana. De tal modo que conjecturamos um ambiente de jogo como um ambiente de aprendizagem (SCAGLIA; REVERDITO, 2016). Em que pese a crítica sobre o surgimento de diferentes pedagogias para as práticas corporais, compreendemos, conforme postulado, cujo jogo é uma categoria maior e sua abstração o condiciona a se materializar em distintas manifestações. Portanto, sob essa égide, sinalizamos para a Pedagogia do Jogo como eixo de sustentação ao trato formativo em quaisquer manifestações que

materializam o fenômeno jogo, em nosso entendimento, não sendo mais uma pedagogia para o ensino do esporte escolar e sim a principal.

Na medida em que o sujeito compõe um ambiente de aprendizagem (escola) e, ao mesmo tempo, imerso em um ambiente de jogo (estado de jogo), ele estará mobilizando competências e habilidades essenciais, as quais emanam somente no ato de jogar, buscando desvendar a lógica do jogo (SCAGLIA; REVERDITO, 2016). Porém se faz necessário mediar esse processo, para que, em atmosfera institucional, não ocorra o desequilíbrio da balança entre ambiente de aprendizagem e ambiente de jogo, entre sua função lúdica e função educativa (KISHIMOTO, 2011). Concernente ao exposto emerge a necessidade de organizações sistematizadas dos conteúdos que adentrem âmbitos escolares, curricularmente, para as aulas de Educação Física e extracurricular, por meio de projetos pedagógicos e programas de formação esportiva, que alcancem os objetivos da escola e obviamente do componente curricular Educação Física.

Essas possibilidades pedagógicas, cuja organicidade almeje substancial relacionamento com epistemologia da prática docente, não devem relegar a categorias menos importantes a sensibilização professoral na tangível reflexão sobre as teorias que sustentam suas práticas. A medida em que ocorra essa tomada de consciência, espera-se elevada criticidade a modelos de ensino que destoem aos objetivos preconizados pela formação e desenvolvimento humano em âmbito escolar, de tal maneira que a heterogeneidade entre proposta metodológica e lócus de intervenção inviabilize quaisquer experimentos, que por sua vez podem ser desastrosos, mas evitáveis.

1.4 MODELO SISTÊMICO-ECOLÓGICO PARA O ENSINO DO ATLETISMO (MSEA)

Em produção científica no formato de revisão sistemática tendo como objeto publicações de artigos científicos sobre o atletismo, Bressan e Impolcetto (2020) analisaram as publicações em inglês, português e espanhol, no período de 1990 a 2017. Os resultados indicaram maior predominância de estudos na área de concentração da biodinâmica (76%) com menor representatividade das áreas pedagógica (15%) e sociocultural (9%). Ainda Bressan e Impolcetto (2019) publicaram estudo que analisou as produções em teses e dissertações em idioma português,

considerando o período de 1990 a 2018, os resultados se assemelharam aos encontrados na pesquisa com artigos científicos.

Ao longo dos anos, foi possível observar que os materiais didáticos, técnicos e pedagógicos produzidos para o ensino do atletismo, vislumbraram diferentes ênfases. Na produção científica em formato de livro, conforme publicação de Gemente e Matthiesen (2014) no idioma português, sendo de origem brasileira, portuguesa e traduzida, foram identificadas 109 publicações, com predominância nas décadas de 1970 e 1980. Conforme as autoras (2014, p. 10) a distribuição desse montante foi a seguinte: “(...) nos ‘Aspectos de Treinamento’ (45) e Aspectos Regulamentares e Históricos’ (34). Em menor número, encontramos os livros categorizados como ‘Aspectos Didáticos’ (27) e uma minoria como ‘Aspectos da Saúde’ (3).”

Se considerarmos a categoria dos “Aspectos Didáticos”, a maior parte também foi publicada na década de 1970 e início de 1980, o que possibilita uma análise sobre a grande influência do fenômeno esportivista nesses manuscritos, período em que a EFE constituía “(...) como objetivo a seleção dos mais habilidosos, a formação de atletas, com atividades mecânicas e repetitivas (...)” (GEMENTE; MATTHIESEN, 2014, p. 10).

Os livros da categoria didática e pedagógica foram identificados como produções mais recentes e em menor número. Conforme Gemente e Matthiesen (2014, p. 10) nos aspectos das formas de ensino observaram que as atividades eram:

(...) realizadas em diferentes locais, além de serem lúdicas, críticas e participativas, que valorizavam e respeitavam o conhecimento prévio, contribuindo para a autonomia, a criatividade, a ampliação do repertório motor e a formação de indivíduos que reconheçam suas limitações e respeitem as diversidades.

Corroborando o exposto em meados da década de 2000, surgem referenciais para o ensino do atletismo que focalizam seus esforços em processos pedagógicos que têm como foco a figura do estudante. Na visão de Pérez Gómez (1998) esses modelos, se encaixam na categoria de mediacionais que se centram no aluno e em seus processos mentais e afetivos quando participa de atividades de aprendizagem. Ainda na década de 2000, pode-se averiguar que as produções foram direcionadas também para as relações entre professor e aluno, nessa perspectiva destacamos a obra: “Atletismo se aprende na escola” (MATTHIESEN, 2005).

Observando o atual uso de modelos para o ensino do atletismo, notadamente em ambiente escolar, em primazia surge o questionamento: mas afinal o que são modelos? Na epistemologia da palavra tem seu significado originário do latim *modulus* diminutivo de *modus*: medida (JAPIASSU; MARCONDES, 2001). Forma idealizada, objeto que serve como parâmetro para construção de outros, contudo dependente primário da habilidade de aplicação. No campo da teoria trata de um modo de explicação, construção teórica, arquitetada, hipotética que serve para a análise ou avaliação de uma realidade concreta (JAPIASSU; MARCONDES, 2001). Para Pérez Gómez (1998) na escola os modelos existem para a explicação da vida, são identificados por pesquisas, e assim, possibilitam intervenções pedagógicas.

Na contemporaneidade tem-se envidado esforços para se pensar o ensino do atletismo vinculado ao ambiente de aprendizagem, em uma abordagem ecológica, que avança para além da figura do professor, do estudante, ou mesmo da relação estabelecida entre eles. Nessa perspectiva, os processos de aprendizagem ao se estabelecerem para além dessas relações — sem desconsiderá-las — focalizam também no ambiente que os cerca, portanto, um ambiente de aprendizagem. Santos, Vagetti e Oliveira (2017) em sua obra: “Atletismo: desenvolvimento humano e aprendizagem esportiva”, avançam sob tal perspectiva, observando distintos elementos que corroboram para uma intervenção social, por intermédio do atletismo, considerando vários ambientes que se inter-relacionam.

Conforme assinalado, referenciamos que a produção de modelos para o ensino do atletismo não é inédita. Na literatura disponível é possível observarmos que alguns modelos de repercussão mundial já foram desenvolvidos, entre eles temos o Mini-atletismo da WA/CBAT (2014), o *Athletic Challenges* de Morgan (2011), e talvez o mais popular, que mesmo não sendo específico para o atletismo, tem sido bem aceito em experiências com esse conteúdo nas aulas de Educação Física na escola, trata-se do Modelo de Educação Esportiva de Siedentop (1994).

No continente europeu têm-se buscado aprofundamento em novas possibilidades para adequar a iniciação esportiva aos moldes da formação e desenvolvimento positivo dos jovens, que em muitos fatores se aproximam da formação cidadã preconizada enquanto objetivo da escola (COMISSÃO EUROPEIA/EACEA/EURYDICE, 2013). Nos últimos anos a região citada foi palco de apresentação de modelos para o ensino do atletismo principalmente referindo-se à

iniciação esportiva, entre eles o *modelo ludotécnico* de Valero-Valenzuela e Conde (2003) e o *Jugando el Atletismo* da *Real Federación Española de Atletismo* (RFEA).

O primeiro fundamentado na teoria do jogo sendo apropriado, de acordo com seus idealizadores, para as aulas de Educação Física e também espaços pedagógicos extracurriculares em que se fomenta o ensino do atletismo. O segundo apresenta enquanto fundamento o preenchimento da lacuna de eventos competitivos para o atletismo, apostando em sua adequação para crianças e jovens, portanto, com adaptações de regras, materiais e estrutura física, além de um calendário de competições acertado para a realidade escolar. Esses modelos tem compartilhado em comum a utilização de um ambiente de jogo para otimização dos processos de aprendizagem, portanto em abordagens baseadas no jogo (*game based approach*) que, por sua vez, mormente têm vinculado a organização didática e os processos de ensino tendo como aparato metodológico a Pedagogia do Jogo.

1.5 A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DOS CONTEÚDOS

Historicamente a Educação Física tem sido espaço de importantes embates acerca de sua identidade, bem como seus sentidos e significados enquanto importante área de formação e desenvolvimento humano em ambiente escolar. Esses embates, ocorridos no Brasil principalmente na década de 1980, permitiram, de acordo com Marinho (2012), um salto qualitativo não apenas em relação a sua prática, mas também a seu arcabouço e pressupostos teóricos. Além disso, esse cenário resultou em uma prolongada crise, que substancialmente engendrou discussões e criou possibilidades para se observar a Educação Física sobre outros vieses. Principalmente a partir do reconhecimento de (...) “que a Educação Física é educação, buscam-se alternativas para se criar uma outra Educação Física” (MARINHO 2012, p. 32), pautada sob uma perspectiva crítica.

Nesse cenário de acordo com Carneiro (2012, p. 73) “(...) surgem autores como Medina (1983), Freire (1989), Castellani Filho (1988), Daolio (1995), Betti (1991), Bracht (1991), Taffarel (1987), Ghiraldelli Junior (1988), Darido (1999), entre outros, apresentando novos olhares para a área.” Essa conjuntura, de certa maneira, influenciou importantes debates embasados em distintas abordagens para o ensino da Educação Física na escola, entre esses debates, estava a forte crítica ao esporte e sua forma de disseminação enquanto conteúdo da Educação Física escolar.

Não nos ateremos, ao menos para esse momento, em produzir uma densa discussão sobre as diferentes abordagens da Educação Física, assentadas em distintas correntes teóricas, mas, em refletir acerca de seu objeto de estudo para o ambiente escolar. Como demarcam os autores em crítica que sustenta a necessidade de repensar a Educação Física em sua concepção e na prática pedagógica.

A Educação Física enquanto componente curricular da Educação básica deve assumir então uma outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida. (BETTI, ZULIANI, 2002, p. 75)

A Educação Física é componente curricular obrigatório da Educação Básica conforme LDB 9394/96, atualizada pela Lei 10.328/2001. O referido componente está calcado em propostas para estruturação de seus conteúdos em documentos norteadores, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/BRASIL, 1998) e recentemente pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC/BRASIL, 2018), além de orientações curriculares estaduais e municipais que visam adequar os conteúdos aos seus contextos. Nesses documentos balizadores o esporte tem seu lugar cativo. Contudo, temos notado ao longo dos anos, principalmente nas proposituras que enfatizam o ambiente escolar, que o debate acerca do esporte, permanece ancorado em uma tensão: de um lado a negação do esporte e de outro o vislumbre a dar outro sentido a ele. Essa situação conclamou uma certeza uníssona entre seus críticos, a necessidade de tratá-lo pedagogicamente (LOVISOLO, 2001).

O cenário de agravo a essa situação é que o esporte ainda não tem sido ofertado em toda sua possibilidade, ou melhor, o que existe é uma reprodução de algumas modalidades esportivas e a restrição de outras, e em algumas hipóteses, com ausência de sistematização e planejamento (TABORDA, 2003). Nesse bojo de restrição às possibilidades da Educação Física, passamos ao largo das dimensões do conteúdo baseadas em (COLL, 2000), bem como, das dimensões do conhecimento (BNCC/BRASIL, 2018), mantendo seu ensino sob um caráter produtivista e funcionalista que não questiona a sociedade que lhe dá origem.

Sob esses pressupostos e com base na sucinta introdução apresentada, discutiremos acerca de uma organização didática para o conteúdo atletismo, nas aulas de Educação Física escolar que, no que lhe concerne, será estruturada no

MSEA e a sistematização dos conteúdos referentes a essa organização deverá ocorrer com a participação dos docentes, portanto, optamos por uma proposta que sinaliza para o conteúdo atletismo, porém para ser preenchida pelas especificidades desse conteúdo, que é vasto, necessita da atuação de professores e alunos que compõem o referido ambiente de trabalho.

A respeito do conceito de sistematização nos ancoramos em Darido (2009, p. 20) que afirma tratar-se de “identificar quais conteúdos deveriam compor o 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º ano, e assim por diante, em cada bimestre, selecionando e identificando a sequência a ser ensinada.” A autora ainda problematiza as condicionantes que geram essa diferenciação com outros componentes curriculares obrigatórios da escola, que possuem suas sistematizações. Sinaliza ainda, que esse movimento de proposições de sistematizações ganhou força a partir da década de 2000, mas que ainda possui poucos referenciais.

Observando a epígrafe a qual emoldura o preâmbulo do estudo I e sua referência à tensão essencial (KUHN, 2011), consideramos que estamos frente a oportunidades de reflexão sobre um novo paradigma para o ensino do atletismo em âmbito escolar. Não na negativa arbitrária sobre o que está posto, mas, da necessidade de percorrer pelos caminhos do que já fora produzido em busca de inovações. Além disso, é urgente a disposição em observar o paradigma emergente da ciência, que por sua fundação é sistêmico-complexo (CAPRA; LUISI, 2014; VASCONCELLOS, 2018). E na ecologia não se restringe apenas a realidade imediata dos ambientes de ensino, mas sim a uma gama de outras estruturas que se relacionam com esse ambiente. Sendo assim, com base nas explanações e problematizações apresentadas, visualizamos que para proposições didáticas urge a necessidade de aproximação aos anseios e objetivos atinentes a escola, e a epistemologia da prática docente, quando referenciam possibilidades para o ensino do conteúdo atletismo imbricados ao desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS

BARBIERI, C. A. S. **Esporte Educacional: uma possibilidade para restauração do humano no homem**. Canoas: ULBRA, 2001.

BECKER, F. **Epistemologia do professor: o cotidiano da escola**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1993.

¹¹ Ver apêndice E.

¹² Ver apêndice F.

¹³ Ver apêndice G.

¹⁴ Ver apêndice H.

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – 2002, 1(1):73-81.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRACHT, V. et al. A Educação Física escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): parte I. **Movimento**, v.17, n.2, p.11-34, abr./jun. 2011.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Projeção de contagem Populacional**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>. Acesso em 15 de outubro de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília-DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_sit e.pdf. acesso em 20 de setembro de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **INEP**. Divulga os resultados finais do Censo escolar 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>. Acesso em: 29 de outubro de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. CNE. Câmara de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_10.pdf. Acesso em 05 de agosto de 2019.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - **Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei nº 10.328/01**, de 21 de dezembro de 2001. Altera a redação do art. 26, § 3o, e do art. 92 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que "estabelece as diretrizes e bases da educação nacional", e dá outras providências. Brasília, DF: MEC, 2003.

BRESSAN, J. C. M. Concepções e práticas de professores sobre o lúdico nas escolas organizadas por Ciclos de Formação Humana. **Dissertação (Mestrado em educação)** Programa de Pós-Graduação em Educação- PPGedu/UFMT, Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis-MT, 2014.

BRESSAN, J. C. M. et al. Atletismo na escola é possível! Experiência do ensino do atletismo em aulas de Educação Física. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, vol. 22, n. 01, p. 53-63, jan./abr., 2018.

BRESSAN, J. C. M.; IMPOLCETTO, F. M. . A produção científica sobre o atletismo em teses e dissertações brasileiras no período de 28 anos (1990-2018). In: Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana, 2019, Rio Claro. **Anais XI CIEFMH**. Rio Claro: Realize, 2019. v. 1.

_____. Panorama da produção científica sobre o atletismo (1990 – 2017): uma análise dos artigos científicos em três idiomas com ênfase na subárea pedagógica. **Motrivivência**, (Florianópolis), v. 32, n. 63, p. 01-24, julho/dezembro, 2020. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 2175-8042. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e74034>

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CAPRA, F.; LUISI, P. L. **A visão sistêmica da vida: Uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas**. Trad. Mayra Teruza Eichemberg. São Paulo: Cultrix, 2014.

CARNEIRO, K. T. **O Jogo na Educação Física**. São Paulo: Phorte Editora, 2012.

CECCONELLO, A. M.; KOLLER, S. H. Inserção Ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. In: KOLLER, S. H.; DE MORAIS, N. A.; PALUDO, S. S. **Inserção Ecológica: um método de estudo do desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2016, p. 39-64.

COLL, César. **Psicologia do ensino**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 2000.

COLLET, C. et al. Atividades de prática deliberada e jogo deliberado na formação esportiva de atletas de elite do voleibol: diferenças entre os sexos E-balonmano.com: **Revista de Ciencias del Deporte**, vol. 13, núm. 2, 2017, p. 95-104

Comissão Europeia/EACEA/Eurydice. **A Educação Física e o Desporto nas Escolas na Europa**. Relatório Eurydice. Luxemburgo: Serviço de Publicações da União Europeia. 2013

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. **Miniatletismo: iniciação ao esporte: guia prático de atletismo para crianças**. Confederação Brasileira de Atletismo, 2ª ed. 2014.

CÔTÉ, J.; VIERIMAA, M. The developmental model of sport participation: 15 years after its first conceptualization. **Science & Sports**, 29 (Supl.), 63-69. 2014 doi:<http://dx.doi.org/10.1016/j.scispo.2014.08.133>

DARIDO, S. C. **Sistematização dos conteúdos da educação física na escola: algumas considerações iniciais**. Conferência v. 4 (2009): IV Colóquio de Pesquisa

Qualitativa em Motricidade Humana: as lutas no contexto da motricidade / III Simpósio sobre o Ensino de Graduação em Educação Física: 15 anos do Curso de Educação Física da UFSCar / V ShotoWorkshop Disponível em: <https://www.motricidades.org/conference/index.php/cpqmh/issue/view/4cpqmh/4>. Acesso em 12 de outubro de 2019.

_____. Educação física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 51-75, v. 16.

DESSEN, M. A., POLONIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, 2007, 17(36), 21-32.

DUFLO, C. **O jogo de Pascal a Schiller**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FREIRE, J. B. Esporte Educacional. In. Barbieri, C. A. S. **Esporte Educacional**. Brasília: ME, 1997.

_____. Investigações preliminares sobre o jogo. Campinas: FEF- UNICAMP (**Tese de livre docência**), 2001.

_____. **Jogo: entre o riso e o choro**. Campinas: Autores Associados, 2002.

FREIRE, J. B., SCAGLIA A. J. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

GALATTI, L. R.; et al. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista de Educação Física/UEM**, Maringá, v.25, p. 153-162, 2014.

GAMBOA S. S. Epistemologia. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (orgs) **Dicionário crítico de Educação Física**. 2ª ed. rev. Íjuí: Unijuí. 2010, p. 158-161.

_____. Epistemologia da prática. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (orgs) **Dicionário crítico de Educação Física**. 2ª ed. rev. Íjuí: Unijuí. 2010, p. 161-165.

GEMENTE, F. R. F.; MATTHIESEN, S. Q. Análise dos livros de atletismo: subsídio para o ensino na Educação Física escolar. **Revista íbero-americana de Educação**. Nº65. 2014: p. 1-12.

GÓES, F. T.; VIEIRA JUNIOR, P. R.; OLIVEIRA, P. A. S. Algumas reflexões sobre a inserção e o ensino do atletismo na Educação Física escolar. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 96-108, ago. 2014.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. Trad. João Paulo Monteiro. 9ª ed. rev. Atualizada. São Paulo: Perspectiva, 2019.

IMPOLCETTO, F. M. DARIDO, S. C. Sistematização dos conteúdos do voleibol: Possibilidades para a Educação Física Escolar. **Revista Brasileira de Ciências e Movimento**, Taguatinga, v 19, nº2. p. 90-100, 2011.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de Filosofia**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. In: KISHIMOTO, T. M. (org) **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 14ª ed. São Paulo: Cortez, 2011. P. 15-48.

KUHN, T. S. **A tensão essencial: estudos selecionados sobre tradição e mudança científica**. Trad. Marcelo Amaral Penna-Forte. São Paulo: Editora Unesp. 2011.

LAZZAROTTI FILHO, A. **O modus operandi do campo acadêmico-científico da Educação Física**. 2011. 95 f. Tese (doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

LEONARDO, L.; SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 236- 246, abr./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2177/2285>>. Acesso em: 01 abr. 2018.

LOVISOLO, H. Mediação: Esporte de rendimento e esporte da escola. In: STIGGER, M. P.; LOVISOLO, H. (ORGS). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas: Autores Associados, 2009.

MARINHO, V. **Consenso e Conflito: Educação Física Brasileira**. 3ª ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2012.

MARQUES, C. L.; IORA, J. A. Atletismo escolar: possibilidades e estratégias de objetivo, conteúdo e método em aulas de educação Física. **Movimento**, Porto alegre, v. 15, n. 2, p. 103-118, abr./jun., 2009.

MATTHIESEN, S. Q. **O atletismo se aprende na escola**. Jundiaí, SP: Editora Fontoura, 2005.

_____. **Atletismo na escola**. Maringá, PR: EDuem, 2014.

_____. **Atletismo teoria e prática**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2ed. 2017.

MATTHIESEN, S. Q.; GINCIENE, G. **História das corridas**. Jundiaí: Fontoura, 2013.

MORGAN, K. **Athletics Challenges. A resource pack for teaching athletics**. 2ª ed. London: Routledge. 2011.

MOTA e SILVA, Eduardo Vinícius, et al. Atletismo (ainda) não se aprende na escola? revisitando artigos publicados em periódicos científicos da educação física nos últimos anos. **Movimento**, v. 21, n. 4, p. 1111-1122, out./ dez., 2015.

PAES, R. R. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE Jr, D. **Esporte e atividade física na infância e adolescência**. São Paulo: Artmed, 2002. P. 89-98.

_____. Pedagogia do esporte: contextos, evolução e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, supl. 5, p. 171, set. 2006. Disponível em: <http://www.usp.br/eef/xipalops2006/48_Anais_p171.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2018.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. Ensino para a compreensão. In: SACRISTÁN, J. G. e PÉREZ GÓMEZ, A.I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 67- 97.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano. Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional - **Movimento é Vida: Atividades Físicas e Esportivas para Todas as Pessoas**: 2017. – Brasília: PNUD, 2017.

PONTE, J. P. **Concepções dos professores de Matemática e processos de formação. Educação Matemática**: Temas de investigação. Lisboa: IIE, 1992. p. 185-239.

RETONDAR, J. J. M. **Teoria do Jogo: a dimensão lúdica da existência humana**. 2ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

REVERDITO, R. S. Pedagogia do esporte e modelo bioecológico do desenvolvimento humano: indicadores para avaliação de impacto em programa socioesportivo. 2016. 209f. **Tese (Doutorado em Educação Física)**. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2016.

REVERDITO, R. S.; et al. Developmental Benefits of Extracurricular Sports Participation Among Brazilian Youth. **Perceptual and Motor Skills**. 1-15. 2017. DOI: 10.1177/0031512517724657

REVERDITO, R. S.; et al. Pedagogia do esporte: possibilidades para o convívio com o esporte no contexto escolar. In: SILVA, Júnior Vagner Pereira da; SILVA, Luiza Lana Gonçalves; MOREIRA, Wagner Wey (Orgs.). **Educação física e seus diversos olhares**. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2016.

RIGONI, P. A. A contribuição da experiência esportiva positiva, mediada pela motivação, no propósito de vida de jovens atletas brasileiros. 2014. 200f. **Tese (Doutorado)** – Programa de Pós-graduação Associado em Educação física UEM/UEL, Maringá, 2014.

SADI, R. S. Educação Física e competição: crença no esporte educacional/escolar? In: REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. (orgs). **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. (99-121). São Paulo: Phorte. 2013.

SANTOS, A. S.; VAGETTI, G. C.; de OLIVEIRA, V. **Atletismo: desenvolvimento humano e aprendizagem esportiva**. Curitiba/PR: Appris. 2017.

SCAGLIA, A. J. et al. Ambiente de jogo e ambiente de aprendizagem no processo de ensino dos jogos esportivos coletivos: desafios no ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos: In: NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, V.; TAVARES, J. (Org.). **Jogos desportivos: formação e investigação**. Florianópolis: UDESC, 2013. p. 133-170.

SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S. Perspectivas pedagógicas no século XXI. In: NISTA-PICCOLO, V.; MOREIRA, W. W. (Org.). **Educação Física e Esporte no Século XXI**. Campinas: Papyrus, 2016, p. 43-72.

SIEDENTOP, D. **Sport education: Quality P.E. through positive sport experiences**. Champaign, IL: Human Kinetics. 1994.

TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. **Educação física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2003.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

TUBINO, M.J.G. **Dimensões sociais do esporte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

TURNNIDGE, J.; CÔTÉ, J.; HANCOCK, D. J. Positive Youth Development From Sport to Life: Explicite r Implicit Transfer? **Quest**, v. 66, n. 2, p. 203-217, 2014.

VALERO-VALENZUELA, A. V., DELGADO, M.; CONDE, J. L. Motivación hacia la práctica del atletismo en la educación primaria en función de dos propuestas de enseñanza/aprendizaje. **Revista de Psicología del Deporte** 2009. Vol. 18, núm. 2, pp. 123-136

VALERO-VALENZUELA, A.; CONDE, J. L. **La iniciación atletismo através de los juegos**. Málaga: Aljibe. 2003

VASCONCELLOS, M. J. E. de. **Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência**. 11ª ed. Campinas/SP: Papyrus, 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE

Ao final de 2017 iniciei os preparativos para inscrição e matrícula no programa de Pós-graduação em nível de doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias da Univesidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, no Instituto de Biociências no município de Rio Claro/SP e durante esse período de imersão, que se constituiu de estudos em disciplinas do próprio programa, como em outras instituições (UNICAMP); também de participação e organização em/de eventos científicos; participação em grupos de estudos; encontros para orientação; produção e publicação científica em formatos de artigo científico, capítulo de livro e resumos; composição de mesas redondas e cerimônia de qualificação, foi possível mergulhar em intensos e contínuos momentos de aprofundamento em leituras, reflexões e vivências, que permearam todos os processos de desenvolvimento referenciados.

Os caminhos trilhados não se descolaram do objetivo primordial do processo de produção científica do doutoramento, na verdade se alinhavaram em busca do tensionamento da seguinte tese: *O ensino do atletismo em âmbito escolar alcança diferentes objetivos, possibilidades e concepções, no tocante a isso, sua incipiência nas aulas de Educação Física vislumbra uma relação direta com o paradigma da esportivização que têm condicionado sua existência ao espaço físico, materiais específicos, formação específica (expertise), seleção dos mais habilidosos e exaltação do gesto técnico. Essa situação desconsidera os objetivos da escola, das práticas corporais, bem como da epistemologia da prática docente, gerando um quadro de incompatibilidade entre a oferta do conteúdo atletismo (quando ocorre) e os objetivos formativos do espaço em que é ofertado.* O referido tensionamento propalou a organização e produção de três estudos com características distintas, porém complementares.

O primeiro, de fundamentação, foi organizado em dois momentos e possibilitou a estruturação do marco teórico e o vislumbre do contexto (inter)nacional sobre a produção científica referente ao atletismo. Foi possível revelar o aumento das publicações de artigos referentes ao atletismo, nas três subáreas que foram categorizadas (pedagógica, sociocultural e biodinâmica). Além disso, em observância ao nosso objeto de estudo, realizamos uma análise pormenorizada sobre as produções do campo pedagógico e pudemos evidenciar que 10,2% de todo material analisado contemplaram o atletismo e foram caracterizados como Educação Física

escolar. Não é pouco! Porém é importante referendarmos que o ambiente escolar e as aulas de Educação Física têm sido o espaço de maior predominância, ou ao menos deveria ser, para o acesso ao conteúdo atletismo para considerável parte da população brasileira, conforme dados de documentos oficiais (DIESPORTE, 2015; PNUD, 2017), e sob essa assertiva um pouco mais de 10% de toda a produção analisada se torna pouco, ainda mais ao analisarmos que em sua maioria, no caso da realidade brasileira, são estudos de diagnóstico/descrição. Esses dados potencializam a situação de que como o conteúdo atletismo não está efetivamente na escola, conseqüentemente não se produz suficiente conhecimento sobre esse tema nesse lócus, respeitadas as exceções de um grupo de pesquisadores que têm se dedicado a reverter esse quadro, principalmente denunciando essa realidade (estudos de diagnóstico) e propondo caminhos para sua superação.

A fundamentação e mapeamento desse quadro teórico em que nos situávamos, sinalizou para a observância de determinado contexto em suas peculiaridades, no caso o estado de Mato Grosso, que têm como principal lócus de formação esportiva a escola. Para tanto nos propusemos ao segundo estudo (caracterização) disposto em dois artigos que evidenciaram o espaço de ensino e aprendizagem do atletismo na perspectiva de estudantes e professores, e a partir da variável teórica identificada no estudo I (incipiência do conteúdo nas aulas de Educação Física) corroboramos substancialmente que a participação nos eventos escolares, em linhas gerais, não tem encontrado na escola e nas aulas de Educação Física seu principal espaço de desenvolvimento e incentivo, ainda que isso seja preconizado como intencionalidade nos documentos orientativos que estruturam os jogos escolares da juventude.

Então, qual seria a sua diferenciação em relação a outros eventos esportivos para jovens? Desse modo na primeira etapa desse estudo caracterizamos o atletismo sob a perspectiva dos jovens participantes da fase final dos Jogos Escolares da Juventude, ocorridos no ano de 2018 e organizamos nossa análise lançando olhares sobre o acesso pelos estudantes ao conteúdo atletismo em diferentes espaços formativos; o uso das (TIC) para acesso ao conteúdo atletismo; as relações dos jogos escolares com os treinos/aulas de atletismo e o apoio recebido da família pelos estudantes. Foi possível descrever que o acesso ao conteúdo atletismo no estado de Mato Grosso, no tocante à preparação para os jogos, ocorre tanto em espaços extra como intra escolar. Contudo, considerando os relatos dos jovens, ainda há um considerável volume de preparação/treinamento para o evento, com alguns

estudantes, que encontra nas aulas de Educação Física um espaço possível. Essa situação pode suprimir os variados conteúdos disponíveis e de responsabilidade da Educação Física escolar, em atendimento a uma perspectiva de preparação para a competição, que apesar de ressalvas, nesse caso tem possibilidades de se tornar comumente seletiva, valorizando apenas os mais habilidosos. A esse respeito tornou-se imperativo refletirmos sobre os objetivos dos JEJ/MT e estando eles no horizonte da organização professoral, questionar se as práticas pedagógicas estão alinhadas às propostas do evento, que não podemos nos esquecer: É escolar!

No artigo três da tese pudemos verificar que os professores participantes têm relevante vivência com modalidades esportivas, na condição de atletas, prioritariamente com o atletismo, o que potencializa atitudes pedagógicas que supostamente podem se basear em crenças. Já no aspecto de sua formação profissional, além de serem graduados, possuem também curso de treinadores em atletismo, o que revela, em tese, condições formativas para atuação frente ao trabalho pedagógico e suas especificidades. Nossos dados revelaram que os professores reconhecem determinada distinção perante sua atuação profissional ao considerar o espaço das aulas de Educação Física escolar e ambientes não escolares de treinamento de jovens para o atletismo. Porém, evidenciamos contradições e fragilidades na formação inicial, que tangenciam desde o conhecimento sobre os objetivos e conteúdos para aulas de Educação Física escolar, como conhecimentos conceituais sobre abordagens pedagógicas, teoria do jogo e aspectos recreacionais, situações que denotaram desconhecimento sobre as tendências atuais para o ensino do esporte, principalmente para crianças e jovens que se encontram em momento de iniciação esportiva e de acesso aos conteúdos nas aulas de Educação Física.

Concluimos esse estudo com uma reflexão acerca da potência dos Jogos Escolares pelo que se propõem identitariamente, com ressalvas ao que tem ocorrido nos eventos e, nessa perspectiva, com base nos dados revelados, nos questionamos se as finalidades e os objetivos desse evento têm reverberado substancialmente no cotidiano das escolas, ou se há prioritariamente a mera preocupação com quem pode ou não participar. Nesse aspecto se faz urgente exaltar a necessidade de que o planejamento didático escolar enalteça a epistemologia da prática docente e que a organização didática do conteúdo atletismo esteja adequada a essa premissa. Não se pode adaptar o conteúdo atletismo ofertado na escola em resposta a realidade de eventos esportivos, que inclusive podem destoar dos documentos oficiais que os

originaram, é preciso que a confraternização nesses espaços competitivos sejam culminância de uma práxis pedagógica que atenda aos anseios da escola e aos direitos dos estudantes no acesso ao conteúdo referenciado e não o contrário.

A partir dos estudos anteriores ingressamos em nosso último (proposição/implementação) que também foi organizado em dois artigos. No artigo IV desenvolvemos um modelo para o ensino do atletismo na escola (MSEA) e optamos por sua caracterização pelo viés semântico da terminologia modelo, que tem o significado aproximado à representação de um conjunto de teorias em suas limitadas abstrações, resultando em um desenho minimamente coerente, das teorias escolhidas, portanto, algo palatável e possivelmente aplicável em determinado contexto. No que se refere às peculiaridades dos distintos contextos escolares e ao respeito à diversidade encontrada nestes, ressaltamos que a lógica do MSEA se sustenta identitariamente como ponto de partida definidamente embasado e por essa condição, permite ao professor e professora que por ele decidir, preencher suas etapas e aplicações considerando seu ambiente pedagógico. Em contextualização a referida assertiva efetivamos as etapas didáticas do modelo e evidenciamos como elas somente foram materializáveis a partir das condições e compreensões de seu mediador que, observou a especificidade de sua realidade contextual sem deixar de considerar ainda outros aspectos que poderiam interferir/afetar o seu fazer pedagógico, graças a teoria ecológica.

Nossa proposição enfrentou ainda, o sensível debate referente à vivência do conteúdo esportivo em ambiente escolar e sua necessária problematização frente aos objetivos de uma práxis pedagógica que necessita primordialmente ser adequada aos objetivos de uma escola que se propõe republicana. Em resposta, observamos a peculiaridade do contexto escolar e para tanto envidamos esforços na reflexão acerca da epistemologia da prática docente e, além disso, na reconhecida importância do desenvolvimento do conteúdo atletismo, que na escola, só pode existir por meio dessa práxis. O atletismo pode ser um potente conteúdo formativo, desde que esteja vinculado e alinhado as premissas dessa escola republicana.

Em prosseguimento finalmente iniciamos a produção de nosso último artigo (V) em que avaliamos a implementação do MSEA considerando as perspectivas das professoras e dos estudantes que compuseram suas turmas. Pudemos averiguar sobre a importância de um planejamento que considere a epistemologia da prática docente e a identidade escolar, pois, ambas dimensões reverberaram diretamente nas

peculiaridades do dia a dia escolar. Deste modo o MSEA apresentou importantes resultados, tanto na representação docente, por meio de seus relatos, como também no aprendizado dos estudantes, como fora comprovado em nossa análise produzida no referido artigo. Fato consolidado ao se observar o alcance dos objetivos pedagógicos preconizados pelas docentes que foram organizados sob a égide de orientações curriculares federais, estaduais e também de suas instituições escolares de atuação. A imersão na epistemologia da prática docente, flexibilidade curricular, adequação a identidade e saberes escolares e a transposição dos “muros da escola” propiciados pelos planejamentos das unidades didáticas embasadas no MSEA, foram as tônicas que cancelaram os resultados dessa experiência científico-pedagógica, que além de tudo se provou estatisticamente eficiente.

O conjunto de dados e problematizações produzidos pelos estudos em seus artigos revelaram a marcante característica sistêmica e ecológica na organização e tratamento dos caminhos e achados dessa pesquisa como um todo, que não poderiam ser postas em evidência, se não pela lente da complexidade. Ao buscar as possíveis relações entre os estudos, de pronto notamos que conexões se estabeleceram em uma espécie de teia. Cuidadosamente trouxemos à baila da discussão científica, graças ao MBDH, as pessoas (P) representadas pelos professores, alunos, família e comunidade em geral. Seus contextos (C), lares, escola, espaços públicos, ambiente de competição (JEJ) e a virtualidade; os processos (P) de ensino relativos ao conteúdo atletismo no componente curricular de Educação Física e a importância do tempo (T) dessa experiência para professores e estudantes.

Desse modo, em âmbito relacional, os três estudos convergiram de forma cíclica, na medida em que, a problemática da pesquisa, engendrou a tese, que demandou a busca e assentamento do marco teórico (estudo I) e esse processo elucubrativo resultou na fundação de nosso marco teórico. Posterior a isso, fez-se de eminente importância a caracterização de nosso locus de pesquisa, que por sua particularidade, demandou ser observado, resultando no estudo II. As confrontações e conformações produzidas pelos dois estudos e suas produções científicas nos conduziram a uma experiência de desenvolvimento e implementação de um modelo de ensino, que permitiu o vislumbre e tensionamento de nossa tese, além do que, nos possibilitou retornar ao locus, ora problematizado, ora caracterizado nos estudos anteriores; a escola.

Somou-se a isso, pela duração do doutoramento (2017-2021), os desafios de dois momentos distintos vividos pela humanidade, pré e pandêmico, que colocaram a prova o que havia sido feito em nossa pesquisa até então, mas também, permitiu validar o potencial de adequação de nosso modelo de ensino (MSEA) a esse novo momento. Graças as tecnologias disponíveis e as novas formas de comunicação que foram desenvolvidas e/ou potencializadas foram evidenciados (artigos II e III do estudo II) considerável uso de ambientes virtuais para atualização e suporte formativo, tanto dos professores como dos estudantes com ênfase em vídeos e materiais técnicos como principais, e expressaram como demanda, o desenvolvimento de *APP* específico para o ensino do atletismo. Nesse quesito, é preciso demarcar escolhas necessárias durante o processo de desenvolvimento de nossa tese, conforme relato que segue.

Havia o interesse na produção de um *APP* que atendesse tanto aos estudantes como aos docentes, e que fosse desenvolvido com base no MSEA (criado no primeiro artigo do último estudo), porém duas condições foram cruciais para a escolha que resultou em nossa atual organização. A primeira ocorreu em novembro de 2019 durante a etapa de qualificação, de forma uníssona tanto os membros da banca como nós entendemos ser importante a experimentação do modelo de ensino que seria desenvolvido, para avançarmos para além da proposição e, nesse aspecto, poderíamos em momento de conclusão dessa experiência, produzir um *APP* com dados e co-participação de docentes que estariam envolvidos no processo. O tempo para a conclusão dessa empreitada seria relativamente curto, mas possível.

Porém, nos deparamos com a segunda condição, o cenário pandêmico, que postergou a experiência com o MSEA para junho de 2021 nos fazendo optar pela implementação do modelo e sua análise, em detrimento ao desenvolvimento do *APP*. Essa situação resultou na não produção de um Modelo didático-tecnológico para o ensino do atletismo, por outro lado, o modelo que fora desenvolvido só pôde ser aplicado graças as TIC, devido as instituições escolares à época atenderem em formato híbrido e em uma delas, totalmente a distância. A referida situação, em certa medida, nos propiciou a experiência de aplicação de um modelo de ensino que ocorreu graças as tecnologias disponíveis, sendo, portanto, didático-tecnológico, não no desenvolvimento de novas tecnologias, mas necessitando delas enquanto meios indispensáveis para a experiência de implementação, pois do contrário esse processo não seria possível.

Por fim, é preciso demarcar que esse é apenas o início das atividades com o MSEA, que necessitou ser evidenciada pela temporalidade de um fechamento de ciclo, composto pela jornada de doutoramento. Ciclo esse que permitiu um razoável mergulho entre os meandros do conteúdo atletismo da prática pedagógica de professores, também com a percepção discente sobre o conteúdo e sua vivência competitiva na modalidade escolar. Além disso, sobre o potencial da Pedagogia do Jogo para alinhar essas dimensões em prol dos objetivos da escola, do conteúdo atletismo e da epistemologia da prática docente, que por sua vez, resultaram no desenvolvimento humano de estudantes e professores sob a égide da formação cidadã, que em nosso caso, pôde ocorrer por meio da superação das barreiras para o ensino do atletismo na escola graças ao MSEA, sendo esse, portanto, o argumento construído para o tensionamento de nossa tese.